

O BEM-AMADO

DE DIAS GOMES

PEÇA EM ATO ÚNICO E NOVE QUADROS

PERSONAGENS:

CHICO MOLEZA
DERMEVAL
MESTRE AMBRÓSIO
ZELÃO
ODORICO
DOROTÉA
JUDICÉA
DULCINÉA
DIRCEU BORBOLETA
NECO PEDREIRA
VIGÁRIO
ZECA DIABO
ERNESTO
HILÁRIO CAJAZEIRA

AÇÃO: Em Sucupira, pequena cidade do litoral baiano

Atenção: Texto distribuído em caráter puramente de uso e leitura PESSOAL. Todos os direitos reservados aos detentores legais dos direitos da obra. Para a representação e comercialização legal da peça, entrar em contato com os órgãos competentes, como a Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais - SBAT (www.sbat.com.br).

PRIMEIRO QUADRO

Pequena venda de uma cidadezinha de veraneio do litoral baiano. Há uma grande árvore, um coreto e uma venda. Sob o sol, sentado no chão, Chico Moleza dedilha molemente o violão. Em frente à vendola, Seu Dermeval remenda uma rede de pescar. É um mulato gordo e bonachão, de idade já avançada.

Passa-se meio minuto. Entram Mestre Ambrósio e Zelão carregando um defunto numa rede. O enterro é acompanhado por uma beata, velhinha, enrugada como um jenipapo, e um cachorro, um magro vira-lata, que vem amarrado à rede. Mestre Ambrósio é um velho pescador de tez moreno-avermelhada, curtido do sol. Musculatura batida, chapelão de palha, calças de algodão branco, sua figura infunde respeito. Zelão é um negro reluzente, mais moço do que Mestre Ambrósio, pescador como ele. Traz vários amuletos no pescoço e um bom humor constante. A velha reza baixinho enquanto os dois pescadores avançam até o centro da cena, com o passo não muito firme, e aí depositam o féretro. Moleza pára de tocar e descobre-se, em sinal de respeito. O apelido o define bem: gestos lentos, descansados, fala mole, é ele um retrato vivo da cidade, onde a vida passa sem pressa

MESTRE AMBRÓSIO – Vamos molhar um pouco a goela na venda de seu Dermeval, Zelão.

ZELÃO – É bom.

DERMEVAL – *(Indicando o Defunto)* Mestre Leonel?

MESTRE AMBRÓSIO – É. Embarcou, coitado.

DERMEVAL – *(Dirige-se à venda)* No mar?

MESTRE AMBRÓSIO – Qui-o-quê. Janaína quis saber dele não. Esticou em terra mesmo.

ZELÃO – É de hoje que ele não entrava num saveiro. Mal agüentava com um caniço. Quase cem anos no costado, sabe como é.

MESTRE AMBRÓSIO – Tava que nem saveiro velho, cheio de ostra pelo casco, fazendo água por todo o lado. Precisava mesmo ir pro estaleiro.

DERMEVAL – Também entornava um bocado.

MESTRE AMBRÓSIO – Pra esquece. Sabe o que é um mestre de saveiro respeitado como ele foi ao fim da vida tendo quase que pedir esmolas?

ZELÃO – A gente sempre dava para ele as sobras da pescaria: pititinga, chicharro, peixe miúdo.

MESTRE AMBRÓSIO – Morreu sem ter dinheiro nem pro caixão.

DERMEVAL – Tinha parente não?

MESTRE AMBRÓSIO – Ter tinha. Botou um bocado de filho no mundo, o falecido, que a terra lhe seja leve. Mas tudo levantou âncora. Uns foram pra Salvador, outros pra São Paulo. Por aqui só aparecia mesmo de vez em quando, a filha mais nova. Uma que caiu na vida.

ZELÃO – E que pedaço de mau caminho, seu mano! Tenho uma sede nela!

MESTRE AMBRÓSIO – Oxente, Zelão, respeita o defunto!

ZELÃO – Que o finado me desculpe, mas é mesmo. E um dia eu ainda pesco um cação de três metros, boto o dinheiro no bolso e vou me afogar naquelas águas. *(Ri)*

MESTRE AMBRÓSIO – Dá mais um porongo.

(Dermeval enche os dois copos. Eles bebem de um trago. Dermeval torna a enchê-los. Enquanto isso, Moleza levanta-se com a sua característica lentidão, aproxima-se do defunto, descobre-o)

MOLEZA – Coisa besta é a vida; ontem tava vivo, hoje tá morto. Que merda!

ZELÃO – Vem tomar um mata-bicho, Moleza.

MOLEZA – *(Vai à venda)* Como foi?

(Dermeval serve uma cachaça)

MESTRE AMBRÓSIO – A gente voltava da pescaria, hoje de manhã, eu mais Zelão, encontramos ele estendido na praia, o cachorro lambendo a cara.

MOLEZA – Lambendo a cara, Mestre Ambrósio?

MESTRE AMBRÓSIO – E chorava. Chorava de correr lágrima.

MOLEZA – O cachorro?

MESTRE AMBRÓSIO – Oxente, gente, já viu defunto chorar?

MOLEZA – Nem defunto, nem cachorro.

MESTRE AMBRÓSIO – Quero que esta luz me cegue, se não é verdade.

ZELÃO – Verdade sim. O bicho parecia saber que o velho tinha espichado. Chorava como gente.

MESTRE AMBRÓSIO – De cortar o coração, seu Moleza.

DERMEVAL – E a velha?

MESTRE AMBRÓSIO – Sei lá. Nós viemos, ela veio atrás;

DERMEVAL – Será que ela e o velho?

(Zelão solta uma gargalhada imoral)

MESTRE AMBRÓSIO – Capaz. Quando era moço, de saia mesmo mestre Leonel só respeitava padre e santo de andor. *(Todos riem)* Vamos se chegando, Zelão, que ainda temos três léguas pela proa.

DERMEVAL – Três léguas. Quando chegarem lá, em vez de um defunto vão ter dois para enterrar.

MESTRE AMBRÓSIO – Isto é uma terra infeliz, que nem cemitério tem. Pra se enterrar um defunto é preciso ir a outra cidade.

MOLEZA – Não era melhor jogar o corpo no mar?

MESTRE AMBRÓSIO – Pra quê? Pra vir dar na praia de manhã?

MOLEZA – Jogava bem longe, em alto-mar. Fazia de conta que tinha morrido afogado. Mestre Leonel, que era pescador, ia se sentir até melhor acomodado.

MESTRE AMBRÓSIO – Vinha dar na praia do mesmo jeito. Não vê que se dona Janaína não quis ele quando era moço, não ia querer agora? Janaína gosta é de gente nova, sadia.

DERMEVAL – Falar em Janaína, sabe do caso do sujeito que se encontrou com a mãe-d'água no meio do mar.

ZELÃO – Sei não. Como é?

DERMEVAL – Quando ele viu aquele mulherão pela frente, toda nua, mulher do umbigo pra cima e peixe do umbigo pra cima e peixe do umbigo pra baixo, perguntou: “Siá dona será que vosmicê não tem uma irmã que seja ao contrário?”

Todos riem exageradamente. Estão já bastante bêbados. Moleza dedilha o violão.

MOLEZA – *(Canta)* Dona Janaína princesa que é
Filha das águas do Abaité
Dona Janaína i nanã ê

MESTRE AMBRÓSIO, DERMEVAL E ZELÃO – *(Coro)*
I nanã ê.
I nanã ê.

(Odorico entra, suando por todos os poros. Não é propriamente um belo homem, mas não se lhe pode negar certo magnetismo pessoa. Demagogo, bem-falante, teatral no mau sentido, sua palavra prende, sua figura impressiona e convence. Veste um terno branco, chapéu panamá)

ODORICO – Ah, lá estão! Ainda cheguei a tempo.

DERMEVAL – Bom-dia, Coronel Odorico.

ODORICO – Bom-dia, minha gente.

(Ao verem Odorico, Mestre Ambrósio e Zelão deixam o balcão. Moleza pára de tocar)

MESTRE AMBRÓSIO – Bom-dia, Coronel. Fizemos uma parada rápida, pra molhar a goela. Vamos ter que gramar três léguas.

ODORICO – Três léguas. Pra se enterrar um defunto é preciso andar três léguas.

DERMEVAL – Um vexame!

MOLEZA – Vexame pro defunto: ter que viajar tanto depois de morto.

ODORICO – É uma humilhação para a cidade, uma humilhação para todos nós, que aqui nascemos e que aqui não podemos ser enterrados.

MOLEZA – Muito bem dito.

Entram Dorotéa e Judicéa. A primeira é professora do grupo escolar, de maneiras pouco femininas, com qualidades evidentes de liderança. Paradoxalmente, Odorico exerce sobre ela terrível fascínio. Também sobre Juju esse fascínio se faz sentir. E isso poderia ser explicado por diferentes tipos de frustração.

ODORICO – Quem ama a sua terra deseja nela descansar. Aqui, nesta cidade infeliz, ninguém pode realizar esse sonho, ninguém pode dormir o sono eterno no seio da terra em que nasceu. Isso está direito, minha gente?

TODOS – Está não!

ODORICO – Merecem os nossos mortos esse tratamento?

DOROTÉA E JUJU – Merecem não.

(Entram Dulcinéa e Dirceu Borboleta, este com uma vara de caçar borboletas e uma sacola. Odorico exerce sobre ela o mesmo fascínio que sobre suas irmãs Judicéa e Dorotéa. Quanto a ele, é um tipo fisicamente frágil, de óculos, com ar desligado)

ODORICO – *(Já passando a um tom de discurso)* Vejam este pobre homem: viveu quase oitenta anos neste lugar. Aqui nasceu, trabalhou, teve filhos, aqui terminou seus dias. Nunca se afastou daqui. Agora, em estado de defuntice compulsória, é obrigado a emigrar; pegam seu corpo e vão sepultar em terra estranha, no meio de gente estranha. Poderá ele dormir tranqüilamente o sono eterno? Poderá sua alma alcançar a paz?

TODOS – Não. Claro que não.

Populares são atraídos pelo discurso de Odorico,

que se empolga, sobe ao coreto.

ODORICO – Meus conterrâneos: vim de branco para ser mais claro. Esta cidade precisa ter um cemitério.

TODOS – Muito bem! Apoiado!

DOROTÉA – Uma cidade que não respeita seus mortos não pode ser respeitada pelos vivos!

ODORICO – Diz muito bem Dona Dorotéa Cajazeira, dedicada professora do nosso grupo escolar. É incrível que esta cidade, orgulho do nosso estado pela beleza de sua paisagem, por seu clima privilegiado, por sua água radioativa, pelo seu azeite-de-dendê, que é o melhor do mundo, até hoje ainda não tenha onde enterrar seus mortos. Esse prefeito que aí está...

DOROTÉA, DULCINÉA E JUJU – *(Vaiam)* Uuuuuuuu!

ODORICO – Esse prefeito que aí está, que fez até hoje para satisfazer o maior anseio do povo desta terra?

DIRCEU – Só pensa em construir hotéis para veranistas!

DULCINÉA – Engarrafar água para vender aos veranistas!

ODORICO – Tudo para veranistas, pessoas que vêm aqui passar um mês ou dois e voltam para suas terras, onde, com toda certeza, não falta um cemitério. Mas aqui também haverá! Aqui também haverá um cemitério!

JUJU – *(Grita Histericamente)* Queremos o nosso cemitério!

DOROTÉA, JUJU, DIRCEU E DULCINÉA – Queremos o cemitério! Queremos o cemitério!

ODORICO – E haveremos de tê-los. Cidadãos sucupiranos! Se eleito nas próximas eleições, meu primeiro ato como prefeito será ordenar a construção imediata do cemitério municipal.

TODOS – *(Aplausos)* Muito bem! Muito bem!

(Uma faixa surge no meio do povo)

VOTE NUM HOMEM SÉRIO
E GANHE SEU CEMITÉRIO

ODORICO – Bom governante, minha gente, é aquele que governa com o pé no presente e o olho no futuro. E o futuro de todos nós é o campo-santo.

MOLEZA – O campo-santo.

DULCINÉA – Que homem!

DOROTÉA – *(Repreende-a)* Du, tenha modos!

ODORICO – É preciso garantir o depois-de-amanhã, para ter paz e tranquilidade no agora. Quem é que

pode viver em paz mormentemente sabendo que, depois de morto, defunto, vai ter que defuntar três léguas pra ser enterrado?

MOLEZA – É mesmo um pecado!

ODORICO – Uma vergonha! Mas eu, Odorico Paraguaçu, vou acabar com essa vergonha.

MESTRE AMBRÓSIO – Seu doutor me desculpe, mas desde pequenininho que eu escuto falar nessa história de cemitério. E a coisa fica sempre na conversa. Todo mundo acha que deve fazer, mas ninguém faz.

ZELÃO – Lá isso é.

(Entra Neco Pedreira. É o dono do jornaleco da cidade, A Trombeta. Jovem combativo, algo esclarecido, afora uma certa dose de charlatanismo, é um indivíduo positivo, um pouco acima da mentalidade da cidade. E a consciência disso lhe produz certa frustração)

ODORICO – Mas eu vou fazer. Os que votaram em mim para vereador sabem que cumpro o que prometo. Prometi acabar com o futebol no largo da Igreja e acabei. Prometi acabar com o namoro e o sem-vergonhismo atrás do Forte e acabei. Agora prometo acabar com essa humilhação para nossa cidade, que é ter que pedir a outro município licença pra enterrar lá quem morre aqui. E vou cumprir.

(Neco Pedreira disfarçadamente acende um “espanta-moleque” e atira no meio da praça. As mulheres gritam, histericamente. O povo corre)

DOROTÉA – É ele! Não podia ser outro!

JUJU – Neco Pedreira!

DULCINÉA – Cafajeste!

NECO – Quem morreu fedeu, Odorico.

JUJU – Minha Nossa Senhora, que heresia!

DOROTÉA – Com certeza vai escrever isso na sua imunda gazeta.

ODORICO – Eu sei que há muita gente que não respeita os mortos, nem acredita em deus. Não é para esses ateístas despenitentes que vamos construir o nosso cemitério.

NECO – Muito obrigado. Espero que você seja o primeiro a fazer uso dele.

ODORICO – *(Para os pescadores)* Vamos seguir com o enterro.

MESTRE AMBRÓSIO – Vamos lá, Zelão. Pega na proa que eu vou no leme.

(Zelão e Ambrósio voltam a carregar o defunto)

MESTRE AMBRÓSIO – Tava pesado assim quando a gente veio, Zelão?

ZELÃO – Tava não. Mestre Ambrósio.

MESTRE AMBRÓSIO – Então o finado engordou.

ZELÃO – Acho que sim.

MOLEZA – Diz que surra de chicote é bom: a alma sai e o defunto fica mais leve.

ZELÃO – Também já ouvi dizer.

MESTRE AMBRÓSIO – Vamos indo. Na estrada a gente arranja um cipó e dá um chá de vara nele.

DIRCEU – Você vai, Du?

DULCINÉA – Claro. Você não percebe que é importante, Dirceu? Minhas irmãs também vão.

DIRCEU – Eu vou pra casa.

DULCINÉA – Fazer o que?

DIRCEU – Deixei as borboletas secando na janela, tenho medo dos gatos...

(Dulcinéa faz uma cara de fastio e une-se ao grupo que vai acompanhar o enterro.

O enterro se movimenta. O defunto vai à frente, zigzagueando em sua rede, por mais esforço que façam Zelão e Ambrósio para caminhar em linha reta. O cão segue, amarrado à rede. E, mais atrás, a Velha, Odorico, Dorotéa, Juju e Moleza, que tira acordes no violão)

VELHA – Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

OS ACOMPANHANTES – Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém. *(Saem)*

DERMEVAL – Se ele prometer fazer o cemitério aqui em frente da venda, meu voto é dele.

DIRCEU – Qual seu interesse nisso?

DERMEVAL – Ora, seu Dirceu, gente de velório bebe muito. Pegou muita borboleta hoje?

DIRCEU – Só esta. *(Mostra)* Veja.

DERMEVAL – É bonita.

DIRCEU – É rara. Raríssima. É uma Morpho Deidámea. *(Sai)*

DERMEVAL – Homem que vive caçando borboleta, a mulher acaba virando mariposa... *(Ri e volta a remendar a sua rede)*

NECO – *(Vai à venda)* Seu Dermeval, me bota aí um engasga-gato.

DERMEVAL – *(Larga a rede, vai servir a cachaça)* Como vai a gazeta, Dr. Neco.

NECO – Mal, seu Dermeval, mal. Numa cidade atrasada, onde não há crimes, desastres, roubos, onde nem mesmo as mulheres corneiam os maridos, como é que pode haver imprensa?

SEGUNDO QUADRO

Uma sala da prefeitura. O ambiente é modesto. Durante a mutação, ouve-se um dobrado e vivas a Odorico, “viva o prefeito!, etc. Estão em cena Dorotéa, Juju, Dirceu, Dulcinéa, Vigário e Odorico. Este ultimo, à janela, discursa.

ODORICO – Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu.

(Aplausos vêm de fora.)

ODORICO – Eu prometi que o meu primeiro ato como prefeito seria ordenar a construção do cemitério.

(Aplausos, aos quais se incorporam as personagens em cena.)

ODORICO – *(Continuando o discurso)* Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrentemente vocês já poderão morrer descansados, tranqüilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E, quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido.

(Aplausos. Vivas. Foguetes. A banda volta a tocar. Odorico acena para o povo sorridente, depois deixa a janela e é imediatamente cercado pelos presentes, que o cumprimentam.)

DOROTÉA – Parabéns. Foi ótimo o seu discurso.

JUJU – Disse o que precisava dizer.

ODORICO – Obrigado, obrigado.

DIRCEU – De um homem assim é que a gente precisa; vai direto à questão.

DULCINÉA – Formidável.

ODORICO – Obrigado, obrigado. Conto com vocês.

DOROTÉA – Pode contar. Comigo e com minhas irmãs. Queríamos convidar o Prefeito pra tomar um licorzinho conosco lá em casa esta noite.

ODORICO – Licor? De que?

JUJU – De jenipapo.

ODORICO – Jenipapo é bom. Sou um jenipapista

juramentado.

DOROTÉA – Podemos esperá-lo?

ODORICO – Podem... vamos comemorar a posse com uma jenipapação.

JUJU – *(Tem um risinho histérico, que corta de súbito ante o olhar severo de Dorotéa)*

DOROTÉA – Então, até mais logo. Você vem, Dulcinéa?

DULCINÉA – Dirceu...?

DIRCEU – Eu vou ter que ficar. Agora sou secretário do Prefeito... Me espere em casa, bem... não demoro.

Dorotéa, Juju e Dulcinéa saem.

ODORICO – Seu Dirceu, o senhor viu todos aqueles processos que eu pedi?

DIRCEU – Estão todos separados.

ODORICO – Então vá buscar. Vamos trabalhar.

DIRCEU – Um instante só. *(Sai)*

VIGÁRIO – O senhor já vai começar a trabalhar?

ODORICO – Já. Não sou homem de perder tempo. E vou tratar de assunto de seu interesse: a construção do cemitério.

VIGÁRIO – Sabia que o senhor não ia esquecer as promessas feitas no eleitorado.

ODORICO – Na próxima vez que o senhor vier aqui já quero lhe falar da inauguração. Aliás, a Igreja devia ajudar. É uma obra cristã, e que, entremetemente, vai render dividendos para a paróquia. Benzimento de corpo, encomendação de alma...

(O Vigário se esquivava.)

VIGÁRIO – Sabe, coronel... o teto da igreja está ameaçando de vir abaixo. Vou ter que fazer umas quermesses para arranjar dinheiro...

(Entra Dirceu, com vários processos.)

DIRCEU – Está tudo aqui. O senhor vai examinar agora?

ODORICO – Vou. Quero saber logo se há alguma verba para dar início à construção do cemitério.

DIRCEU – *(Coloca os processos sobre a mesa)* Nem um tostão. Só déficit.

ODORICO – *(Folheia os processos)* Não é possível.

DIRCEU – A prefeitura tem um terreno...

ODORICO – O terreno só não resolve, é preciso dinheiro para o muro, as alamedas, a capela.

DIRCEU – *(Examinando um processo)* Parece que há

um restinho de verba da água.

ODORICO – Da água?

DIRCEU – Para concertar os canos.

ODORICO – Diz isso aí?

DIRCEU – Não, aqui só fala em obras públicas de urgência.

ODORICO – O cemitério também é uma obra pública de urgência. É ou não é? (*Irônico*) De muita urgência...

DIRCEU – Há um restinho, pouca coisa...

ODORICO – (*Anima-se*) Não tem importância, um restinho com mais um restinho, já se faz um cemiteriozinho.

DIRCEU – É da luz. Para aumentar a força.

ODORICO – Para que aumentar a força?

VIGÁRIO – A luz anda muito fraca, Coronel, quase não se consegue ler.

ODORICO – Mas para que ler de noite? Pode-se ler de dia. E depois, uma cidade de veraneio deve ter luz bem fraca, para que se possa apreciar bem o luar... A cidade é muito procurada pelos namorados... o senhor Vigário me perdoe.

DIRCEU – Só que esse desvio de verba...

ODORICO – É para o bem do município. Tenho certeza que Deus vai aprovar tudo.

VIGÁRIO – Quem sabe?... As intenções são boas... E como Deus não é um burocrata...

ODORICO – Então vamos escolher o terreno.

DIRCEU – A prefeitura só tem um, mas está ocupado.

ODORICO – Ocupado? Por quem?

DIRCEU – Pelo circo.

ODORICO – Ora, o circo que se mude. Chega das palhaçadas de antigamente. Prafrentemente, vamos tratar de coisas sérias. Pode levar isso daqui.

(Dirceu sai com os processos)

ODORICO – Quero ver agora o que vão dizer os que me acusavam de oportunista, de demagogista. Quando virem os pedreiros levantando os muros, construindo a capela, calçando as alamedas, vão ficar com cara de Sinhá Mariquinha-cadê-o-frade.

VIGÁRIO – Quando o senhor espera inaugurar esse cemitério?

ODORICO – Dentro de três meses, com o primeiro enterro, que será custeado pela municipalidade. (*Surge-lhe uma idéia.*) Podíamos até... Oh, não, oferecer um prêmio não ficava bem. Mas custear os funerais e dar uma certa pompa, isso era mais do que justo. Banda de música, marcha fúnebre. E uma inscrição no mausoléu também, assinalando o

pioneirismo do defunto, o primeiro a ser sepultado em terras de Sucupira.

DULCINÉA – (*Entra e se assusta com a presença do Vigário.*) Desculpe... pensei que o Prefeito estivesse sozinho...

VIGÁRIO – Não está, mas vai ficar. O Prefeito vai me dar licença...

ODORICO – Obrigado por sua presença, seu Vigário.

DULCINÉA – Sua benção, seu Vigário.

VIGÁRIO – Deus lhe abençoe. (*Sai.*)

(Dulcinéa espera o Vigário sair, está muito nervosa)

ODORICO – Você voltou...

DULCINÉA – Onde está meu marido?

ODORICO – Dirceu... está lá dentro...

DULCINÉA – Preciso muito falar com você.... Eu não lhe disse nada... mas estava apavorada...

ODORICO – Com quê? Seu marido!...

DULCINÉA – Pior... Pensei que estivesse grávida! Mas era rebate falso...

(Dirceu entra nesse momento e Odorico procura disfarçar.)

ODORICO – Sinto muito, Dona Dulcinéa, mas seu Dirceu agora é funcionário da Prefeitura, tem que cumprir o expediente.

DIRCEU – Du... que houve? Não lhe disse pra me esperar em casa?

DULCINÉA – Está bem... é que eu pensei... Desculpe... (*Sai.*)

DIRCEU – Ela veio pedir pro senhor deixar eu sair mais cedo?

ODORICO – É, veio... Mas o senhor compreende, mesmo sendo seu padrinho de casamento, tenho que botar de lado esses considerandos...

DIRCEU – Claro... É que ela, coitadinha, se sente muito só quando não está comigo.

ODORICO – Já percebi isso... Mas muito em breve ela não vai sentir mais essa solidude... Quando começar a nascer os filhos...

(Dirceu faz uma pausas, constrangido.)

DIRCEU – Filhos?...

ODORICO – É... filhos. Aliás, já está em tempo...

DIRCEU – Nós não vamos ter filhos.

ODORICO – Oxente, por que?

DIRCEU – Vou lhe confessar uma coisa, Coronel... Porque o senhor é meu padrinho... e padrinho é

como um segundo pai.

ODORICO – Claro...

DIRCEU – Eu... eu sou irmão oblato... Fiz voto de castidade.

ODORICO – Voto de castidade?! E ela sabe disso?...

Bom, tem que saber...

DIRCEU – Casamos com essa condição. De manter o meu voto.

TERCEIRO QUADRO

Odorico lê um exemplar de A Trombeta, o jornaleco local. Seu rosto revela profunda indignação.

ODORICO – *(Resmunga, enquanto lê.)* Patife! Canalha! *(Amarrota o jornal violentamente e atira-o ao chão. Põe-se a andar nervosamente de um lado para o outro, e por fim senta-se à sua mesa, parecendo à ponto de ter um colapso.)*

DOROTÉA – *(Entra quase marcialmente)* Bom-dia, senhor prefeito.

ODORICO – Bom-dia. *(Levanta-se de um salto.)* A senhora já leu a gazeta?

DOROTÉA – Ainda não.

ODORICO – Esse patifento desse Neco Pedreira me chama de demagogo esbanjador dos dinheiros público... me xinga de tudo quanto é nome. *(Apanha o jornal.)* Leia a senhora mesma, leia.

DOROTÉA – Que retrato é esse que ele botou na primeira página?

ODORICO – É um retrato que tiraram de mim durante a construção do cemitério. Tem um ano, já.

DOROTÉA – *(Lendo)* “Odorico, o pastor de urubus.”

ODORICO – Que é que eu faço com um mau-caratista como esse, Dona Dorotéa? Que é que eu faço? Já pensei em arranjar dois jagunços e mandar dar uma surra...

DOROTÉA – Isso me parece contraproducente; vai fazer dele um herói e aumentar a venda do pasquim. Além do mais, o senhor teria que mandar surrar muita gente. A oposição está ganhando terreno dia a dia. E o que Neco escreveu n’A *Trombeta* é mais ou menos o que os nossos inimigos dizem por aí.

ODORICO – Eu sei. É um movimento subversivo procurando me intrigar com a opinião pública e criar problemas à minha administração. Sei, sim. É uma conspiração! Eles não queriam o cemitério. Desde o princípio foram contra. E agora que o cemitério está pronto caem de pau em cima de mim, me chamam de demagogo, de tudo, somente, porque aconteceu o que não devia acontecer. Ou melhor: só porque não aconteceu o que devia acontecer. Como se eu tivesse culpa!

DOROTÉA – Seja como for, é uma situação horrível, que precisa ser resolvida.

ODORICO – Mas resolvida como?

DOROTÉA – O senhor sabe que pode contar comigo para tudo. Apesar... apesar de minha situação pessoal não ser também das melhores. Há seis meses que não

recebo e o grupo está sem dinheiro até para comprar material escolar.

ODORICO – E todo mundo acha que a culpa é do cemitério. É verdade que a receita municipal baixou um pouco: não obstantemente, estamos agora livres da humilhação de enterrar nossos mortos no cemitério dos outros.

DOROTÉA – Acho que o senhor só tem uma saída: inaugurar o cemitério.

ODORICO – Inaugurar como? Se há um ano não morre ninguém nesta terra?!

DOROTÉA – Inaugurar sem defunto mesmo.

ODORICO – Era uma desmoralização. Depois da gente ter anunciado aos quatro ventos que a inauguração ia ser com o primeiro enterro, era passar o recibo de inutilidade do cemitério; era dar razão à oposição, que diz que é dinheiro jogado fora. Não, inaugurar campo-santo sem defunto é o mesmo que batizar navio em terra firme. Não tem graça.

DOROTÉA – Menos graça tem ainda o que a Câmara Municipal está preparando.

ODORICO – Que é?

DOROTÉA – Soube hoje que vão pedir esse tal de *impeachment*.

ODORICO – Já me disseram. Querem votar o meu impedimento. Mas isso eles não vão conseguir. Não vão conseguir.

DOROTÉA – Acho que só há um meio de evitar: arranjar um defunto qualquer e inaugurar o cemitério. Não se podia comprar um?

ODORICO – Já pensei nisso. Mandar buscar em Salvador. Lá se vendem cadáveres para estudo na Faculdade de Medicina.

DOROTÉA – Pois então! É a solução!

ODORICO – Mas muito perigosa. A oposição ia descobrir, com toda a certeza. E nem é bom imaginar o que iam dizer de nós.

DOROTÉA – Não há ninguém doente na cidade?

ODORICO – Em estado de dar esperança, parece que ninguém. Em todo caso, mandei o coveiro fazer uma verificação.

DOROTÉA – Quase todo ano há sempre um veranista que morre afogado.

ODORICO – Esse ano o mar está que é uma lagoa. Nunca vi tanto azar.

DOROTÉA – Então, que vamos fazer?

ODORICO – Sei lá, Dona Dorotéia, sei lá. Passo dia e noite pensando nisso e não encontro jeito. É uma situação deverasmente embaraçante.

(*Entra Moleza*)

MOLEZA – Dá licença?

ODORICO – Come é, seu Moleza? Alguma esperança?

MOLEZA – Nenhuma, seu prefeito, nenhuma. Andei a cidade toda, perguntei a todo mundo. Ninguém sabe de ninguém que esteja pra espichar.

ODORICO – Será possível! Ninguém adoce nesta cidade!

MOLEZA – Perguntei pro doutor...

ODORICO – Esse vive de receitar água e dar remédio pra dor de barriga.

MOLEZA – Foi o que ele disse: que morrer aqui só se morre mesmo de velho e desarranjo. Mas custa. No ano atrasado, não sabe...

ODORICO – Não me interessa o ano atrasado, interessa este. Precisamos inaugurar o cemitério, o quanto antes. Não é possível esperar mais.

MOLEZA – Está muito difícil, seu Coronel. Há uma carência muito grande de defunto. O jeito é ter paciência e fé em Deus.

ODORICO – É, pra você é muito fácil ter paciência. Está há um ano ganhando como coveiro sem trabalhar.

MOLEZA – Mas não recebo...

ODORICO – Receba ou não receba, o senhor é um parasita do município. Se fosse um funcionário equipado de bom caráter e amor-próprio, já tinha procurado resolver essa situação e tornar-se um cidadão útil à comunidade. O senhor é uma vergonha e um mau exemplo para o funcionalismo municipal. Tenho ou não tenho razão, Dona Dorotéia?

DOROTÉA – Inteira. O cidadão coveiro é, inclusive, um perigo para a comunidade.

MOLEZA – Perigo, eu?

DOROTÉA – Perigo pela sua inatividade, que além de ser imoral é mais um motivo para os nossos inimigos nos atacarem.

MOLEZA – Mas que culpa tenho eu, se não me dão serviço?

DOROTÉA – Aliás, se o senhor tivesse investigado os antecedentes do cidadão coveiro, antes de nomeá-lo, teria visto que ele nunca foi de fazer força. Haja visto o apelido que lhe puseram: Moleza.

ODORICO – Bem, eu pretendi, com essa nomeação, premiá-lo pelo seu trabalho na minha campanha. Esperava que isso fosse também um estímulo e ele se compenetrasse de que agora precisava desconfirmar o apelido. Mas de nada adiantou. É um caso perdido.

MOLEZA – Injustiça. Vosmicês estão fazendo uma injustiça. Há um ano que todo dia de manhãzinha eu

preparo uma cova bem preparadinha, limpo a cruz bem limpinha...

ODORICO – E depois?

MOLEZA – Depois pego o violão e fico esperando pelo dono. Não vem, eu me deito na cova e durmo.

ODORICO – Dorme! Dorme, enquanto que eu não durmo há meses.

MOLEZA – Porque vosmicê não fica o dia inteiro pensando na morte, como eu, dá uma moleza...

JUJU – (*Entra muito excitada.*) Dá licença? (*Nota a presença de Moleza.*) Oh, desculpe, pensei que estivesse só...

DOROTÉA – Que é isso, Juju, que aconteceu?

JUJU – Chegou um telegrama de tia Clotilde!

ODORICO – É particular, Dona Juju?

JUJU – É, não. É até sobre o cemitério mesmo, mas...

ODORICO – Então pode falar na frente do nosso coveiro; é pessoa de confiança.

JUJU – O senhor se lembra daquela conversa sobre nosso primo Ernesto, primo em segundo grau?

ODORICO – Que tem seu primo Ernesto, primo em segundo grau?

JUJU – Que tem? Ele vem aí. Chegou um telegrama de Salvador dizendo que ele embarca hoje.

ODORICO – Vem pra cá?

DOROTÉA – O primo Ernesto?

ODORICO – Vai ficar na casa de vocês?

JUJU – Eu não achava muito conveniente... O senhor sabe, somos duas moças solteiras e moramos sozinhas. Mas como não vai ser por muito tempo, se Deus quiser, estou disposta a arriscar a minha reputação pela nossa causa. A menos que o senhor faça questão de hospedar o primo em nome da municipalidade.

ODORICO – Eu não, não faço nenhuma questão.

JUJU – Mas com toda a certeza o prefeito vai mandar o carro da prefeitura buscar ele na ponte, por isso eu vim depressa avisar.

ODORICO – Dona Juju, a senhora me desculpe, mas eu acho que não fica bem. Diga a seu primo que ele é muito bem-vindo, que eu estou aqui às ordens, mas mandar o fordeco da prefeitura buscar ele eu não posso. A senhora não vê que a oposição está de olho em tudo que a gente faz? Vão dizer que é favoritismo, que eu estou gastando a gasolina comprada com o dinheiro do povo em passeios com os meus amigos. Não, a senhora me desculpe, mas o exemplo deve vir de cima. Seu primo vai ter que ir para casa no calcanho.

DOROTÉA – Mas ele não pode!

ODORICO – Não pode? A casa de vocês fica tão

perto da ponte!

DOROTÉA – Ele está doente, desenganado pelos médicos!

ODORICO – Desenganado?

(*Dirceu entra*)

JUJU – Nas últimas! O senhor não se lembra? Eu lhe disse...

ODORICO – Ah, seu primo é aquele que a senhora falou que estava muito mal, em Salvador.

DOROTÉA – Pneumonia galopante, coitado.

JUJU – O senhor me pediu para escreve à família, sugerindo que ele mandassem ele para cá, que a prefeitura pagava todas as despesas; médicos, remédios, tudo que ele precisasse.

ODORICO – Mas é claro, a prefeitura paga tudo!

JUJU – Eu escrevi e ele veio. Está chegando.

DIRCEU – Arrumaram um defunto?

JUJU – Defunto, não; ele ainda está vivo.

ODORICO – Mas morre na certa, não?

JUJU – É o que dizem os médicos.

ODORICO – Está agonizante!

JUJU – É capaz de morrer na viagem.

ODORICO – Morrer na viagem?! Não pode! Tem que morrer aqui! Por que a senhora não me avisou antes?

JUJU – Recebi o telegrama agora.

ODORICO – Eu teria tomado providências, mandando um médico para vir com ele. Morrer durante a viagem, não. Podem mandar o corpo de volta!

MOLEZA – Era o cúmulo da urucubaca.

JUJU – Vamos rezar para que isso não aconteça.

ODORICO – Não, agora não há mais tempo para rezar. O vapor está chegando. (*Para Dirceu*) Me faça um favor, avise o Vigário. E diga ao maestro Filó que reúna o pessoal da banda e volte a ensaiar a *Marcha fúnebre*. (*Para Juju*) Nós vamos receber seu primo com todas as excelências.

JUJU – No carro da Prefeitura?

ODORICO – Oxente, um hóspede importante como ele!

MOLEZA – E eu, seu prefeito, que faço?

ODORICO – Você volta pro cemitério e vai preparando a cova. Capricha que o inquilino vem aí.

QUARTO QUADRO

Em casa das solteironas. Enquanto, no quarto, o primo Ernesto agoniza, na sala Odorico decora a oração fúnebre.

ODORICO - ... que fique para sempre gravada nessa lápide... lápide...

(Em volta do leito do moribundo, o Vigário, Dorotéa, Juju e Dirceu Borboleta. Dirceu acende a vela que está na mão de Ernesto.)

JUJU - Que coisa, hem?... Um homem moço, inteirinho... desperdiçado. Os vermes vão comer...

DOROTÉA - *(Lança a Juju um olhar de repreensão.)*
Juju!

ODORICO - *(Na sala.)* Que fique pra sempre gravada nesta lápide... o nome desse bandeirante da morte, desse pioneiro do além...

(Dorotéa sai do quarto e passa à sala.)

ODORICO - Já?!

DOROTÉA - Continua agonizante.

ODORICO - Três dias já?! Nunca vi tanta vocação pra agonizante. É um agonizantista praticante.

DOROTÉA - Acha que vou pro meu quarto dormir um pouco.

ODORICO - *(Chega-se a ela, insinuante)* Tá todo mundo preocupado com o moribundo... a gente podia...

DOROTÉA - Não, Odorico! Hoje, não!... É pecado... O primo está morrendo...

DIRCEU - *(Entrando na sala.)* Apagou!

ODORICO - Quem?! O primo?

DIRCEU - Não, a vela. Não tenho mais fósforos...

ODORICO - *(Dando sua caixa de fósforos.)* Toma... Nunca vi defunto pra gastar tanta vela...

(Dirceu volta ao quarto e torna a acender a vela, enquanto Dorotéa sai. Odorico volta a ensaiar o discurso.)

ODORICO - Meus concidadãos! Este momento há de ficar para sempre gravado nos anais e menstruais da História de Sucupira!

QUINTO QUADRO

Na prefeitura. Dulcinéa e Dorotéa esperam Odorico.

DULCINÉA – Você acha que devemos dizer a ele toda a verdade?

DOROTÉA – É nossa obrigação, Dudu. Se não denunciarmos, seremos cúmplices. Que horas são?

DULCINÉA – Quase dez horas.

DOROTÉA – O fato é que ele também já está encostando o corpo. No primeiro dia, chegou aqui às seis da manhã.

DULCINÉA – Você é injusta, Dô, ele é um homem, não é uma máquina.

(Entra Dirceu.)

DULCINÉA – *(Estranhando.)* Dirceu... Você por aqui?

DIRCEU – Trabalho aqui. Sabia não?

DULCINÉA – Mas você só pega às 11...

DIRCEU – *(Um pouco ressabiado.)* E você, por que saiu tão cedo?

DULCINÉA – Você estava dormindo, e eu tinha um encontro marcado.

DIRCEU – Com quem?

DULCINÉA – Com Dorotéa. Para virmos falar com o prefeito.

DIRCEU – É, eu vi... quer dizer, vi vocês entrarem aqui...

DULCINÉA – Deu agora pra me seguir, é?

DIRCEU – Não, é que essa história de mulher se meter em política... Não falo por mal... mas sabe como é esse povo...

DOROTÉA – Ora, seu Dirceu, será possível que o senhor ainda tenha desses preconceitos? Hoje em dia, a mulher é igual ao homem.

DIRCEU – Numa cidade grande, pode ser. Mas aqui... essa gente dá de falar... dá de escrever carta anônima...

DULCINÉA – Carta anônima?

DIRCEU – Quer dizer... podem escrever. Há gente pra tudo... você sabe... estou só falando... só falando... *(Sai.)*

DOROTÉA – Que é que seu marido tem?

DULCINÉA – E eu sei? De uns dias pra cá, anda esquisito, desconfiado, deu pra andar me seguindo... nem tem ido caçar borboletas!

DOROTÉA – Por isso é que eu não me caso: ter que dar conta da minha vida a um homem todo dia.

ODORICO – *(Entra.)* Bom-dia.

DULCINÉA E DOROTÉA – Bom-dia, senhor prefeito.

ODORICO – Novidades?

DOROTÉA – Algumas...

ODORICO – E o defunto? Quero dizer, o doente, coitado. Faz três meses que chegou e está nessa agonia. A Lira já está cansada de ensaiar a *Marcha fúnebre*. O discurso que escrevi já está fora de época.

DOROTÉA – Senhor prefeito, prepare-se para ter um grande desgosto.

ODORICO – *(Adivinhando.)* Quê?! Não me diga que...

DOROTÉA – O primo está completamente restabelecido.

ODORICO – Não é possível! Baixou aqui desenganado pelos médicos!

DULCINÉA – Os médicos...

ODORICO – Veio agonizante. Como é que de repente...

DOROTÉA – O ar da cidade...

DULCINÉA – A água da cidade...

DOROTÉA – O clima da cidade...

DULCINÉA – Está com mais saúde que qualquer um de nós.

ODORICO – Mas isso não é coisa que se faça! Tudo pronto há três meses. *Marcha fúnebre* ensaiada, mandei caiar de novo o muro do cemitério, apagar os palavrões, mandei até buscar um carro fúnebre em Salvador, tanto sacrifício... Eu bem que já descofiava. Dona Juju desapareceu, há um mês que sumiu. Por isso. Ficou envergonhada do papelão que o semvergonhista do primo fez.

(Dorotéa e Dulcinéa trocam um olhar significativo.)

DOROTÉA – Ela deve estar escabreada, sim, mas não é só por isso não.

ODORICO – É não?

DOROTÉA – A verdade é que Juju nos traiu.

ODORICO – Traiu como?

DOROTÉA – Claro, não foi só o ar da cidade.

DULCINÉA – A água da cidade.

DOROTÉA – O clima da cidade.

ODORICO – Que foi mais?

(Entra Juju. Operou-se nela uma transformação surpreendente: seu rosto tem um ar de gozo permanente, embora dissimulado por um certo sentimento de culpa; vê-se logo, porém, que ela realizou-se como mulher. Nota-se também que está um pouco mais gorda.)

DULCINÉA – Veja o senhor mesmo.

DOROTÉA – Aí está ela. A traidora.

ODORICO – *(Investe para Juju acusadoramente.)*
Dona Judicéa, eu estou deverasmente bestificado...
(Interrompe a frase quando a vê fazer um sinal para alguém que está fora.)

JUJU – Entre, Netinho, pode entrar. Tenha acanhamento não.

(Entra Ernesto. Alto, forte, rosado, sua aparência é escandalosamente saudável.)

ERNESTO – Com licença.

JUJU – Coronel Odorico, eu queria apresentar... meu primo Ernesto.

ERNESTO – *(Aperta a mão de Odorico com vigor.)*
Prazer.

JUJU – Dorotéa e Dulcinéa já devem ter dito ao senhor... Ele ficou bom.

ODORICO – Está-se vendo.

JUJU – Ninguém acreditava, nem os médicos. Mas ele foi melhorando, melhorando...

ODORICO – E deu nisso.

JUJU – Parece um milagre.

ERNESTO – O ar da cidade.

JUJU – A água.

ERNESTO – O clima. Ser prefeito de uma cidade como esta deve ser uma felicidade. O senhor está de parabéns.

ODORICO – *(Está a ponto de estourar.)* Muito obrigado.

ERNESTO – Quando chegar em Salvador, vou fazer uma propaganda danada disso aqui. E do senhor também. É a única maneira que eu tenho de pagar o que o senhor fez por mim. *(Abraça Juju carinhosamente.)* Por nós.

(Juju corresponde ao olhar apaixonado de Ernesto ante a indignação de Dulcinéa e Dorotéa.)

ERNESTO – A verdade é que ninguém no mundo teria feito o que o senhor fez, assim desinteressadamente.

JUJU – O coronel Odorico é um homem de grande coração. Quando soube do seu estado ficou tão aflito! Botou logo todos os recursos do município à disposição.

ODORICO – Todos. E se, por infelicidade, o senhor não se curasse, já estava tudo preparado: enterro de primeira classe, com banda de música e carro

fúnebre, tudo pago pela municipalidade.

ERNESTO – Já estava preparado?

ODORICO – Nós aqui somos previdentes, seu Ernesto.

ERNESTO – De qualquer maneira, eu lhe agradeço, embora não tenha sido preciso, felizmente.

ODORICO – Sim, felizmente.

JUJU – *(Preocupada com o rumo da conversa.)*
Vamos pra casa, Netinho.

ERNESTO – Que é? Está sentindo alguma coisa? Tonturas de novo? Ela desde ontem que está com tonturas.

(Dorotéa, Dulcinéa e Odorico trocam olhares significativos.)

ODORICO – Espero que não ponham a culpa disso também no ar da cidade...

DULCINÉA – Na água da cidade.

DOROTÉA – No clima da cidade

(Juju e Ernesto saem.)

ODORICO – E ele veio com a condição de morrer aqui! Falta de palavra!...

DOROTÉA – Isso é uma indecência. Nunca pensei que Juju viesse um dia a ter um procedimento tão revoltante.

ODORICO – Agora até mesmo os meus correligionários começam a me trair. Já nem sei mais com quem devo contar.

DULCINÉA – O senhor sabe que pode contar com a nossa solidariedade.

ODORICO – Eu não preciso de solidariedade, Dona Dulcinéa, preciso de um defunto. Um defunto! Também, uma terra onde não há crimes, não há desastres... Há não sei quantos anos que não há um assassinato.

DULCINÉA – Deve ser atraso... subdesenvolvimento.

ODORICO – Ontem fui visitar a cadeia. Nas celas, onde devia prender criminosos, o delegado cria galinhas, até papagaio. Só havia um preso: um jegue.

DULCINÉA – O jegue que deu um coice no filho do Zé Peixeiro. Foi julgado e condenado a seis meses de prisão.

ODORICO – Se ao menos o coice tivesse pegado de jeito, a gente já estava hoje com o cemitério inaugurado.

DULCINÉA – Não, só deu para aleijar.

ODORICO – O mal desta terra é que todo mundo é bom, pacato. Esse pacatismo é a nossa desgraça.

Talvez seja a água... ou o azeite-de-dendê... deve ter alguma substância calmante, sei lá. O fato é que ninguém mata, ninguém morre e nós estamos Aqui há mais de um ano esperando um defunto para inaugurar o cemitério.

MESTRE AMBRÓSIO – *(Surge na porta.)* Vosmicês dão licença?

ODORICO – Mestre Ambrósio.

MESTRE AMBRÓSIO – Se o doutor tá ocupado, eu volto mais logo.

ODORICO – Não, não, pode se chegar.

MESTRE AMBRÓSIO – Tou vindo do Norte.

ODORICO – Fez boa viagem?

MESTRE AMBRÓSIO – Peguei um temporalzinho na volta. Vim de Maceió até aqui com um nordeste brabo. Mas, com a graça do Nosso Senhor, chegamos bem. O homem veio comigo.

ODORICO – *(Vivamente interessado.)* Veio?

MESTRE AMBRÓSIO – Deu um trabalho danado pra convencer o bicho. Tava desconfiado, pensando que era uma arapuca. Me disse quando cheguei lá: “Caiu nessa patota não, sou mestre. Os macacos devem estar me esperando”. Dei a minha palavra, jurei – olhe que sou compadre dele –, não adiantou. Só quando mostrei a carta do prefeito e que ele deu a uma pessoa de confiança pra ler foi que a coisa começou a melhorar.

ODORICO – *(Impaciente.)* Bem, mas... ele acabou vindo.

MESTRE AMBRÓSIO – Tá aí fora. Vim saber primeiro se vosmincê quer falar com ele.

ODORICO – Quero, sim. Vá buscar o homem.

MESTRE AMBRÓSIO – Volto já. *(Sai.)*

ODORICO – Agora, sim. Vamos resolver o nosso problema. Temos o homem de que precisamos.

DOROTÉA – Que homem?

ODORICO – O homem que vai dar a esta cidade o que está faltando a ela. Eu já estava cansado de esperar pela morte do primo Ernesto. Decidi por em prática um outro plano, para o caso desse falhar.

DULCINÉA – Será que o senhor mandou buscar outro doente?

ODORICO – Nada disso. Nem doente, nem defunto. O que mandei buscar foi um fazedor de defuntos.

DOROTÉA – Fazedor de defuntos?

ODORICO – Pelo menos tem fama disso. Dizem que já fez mais de trezentos.

DULCINÉA – Um bandido?

DOROTÉA – Um cangaceiro?

ODORICO – Zeca Diabo, o terror do Nordeste.

DOROTÉA E DULCINÉA – Zeca Diabo?!

DULCINÉA – Um assassino que mata velho e crianças!

DOROTÉA – Que não respeita nem moça donzela!

ODORICO – Fique tranqüila, Dona Dorotéa, pela honra das donzelas juramentadas de Sucupira respondo eu. Zeca Diabo não vai tocar em nenhuma delas... não-obstantemente isso vai ser uma deceptude pra algumas...

(Entra Mestre Ambrósio seguido de Zeca Diabo. Este tem o olhar desconfiado, gestos lentos, como cobra sempre preparada para dar o bote. Veste um terno de brim claro, sandálias de couro cru e chapéu de vaqueiro. Mas, à primeira vista, não justifica o medo que inspira. Fala macia, delicado, e sua voz adocicada está em completo contraste com a lenda.)

MESTRE AMBRÓSIO – Tá aqui o homem, seu prefeito.

ODORICO – Capitão Zeca Diabo, seja bem-vindo. Já conheço o senhor, de fama. Sei que nasceu aqui e foi obrigado a sair por motivos... motivos que não vêm ao caso. Por isso, mandei Mestre Ambrósio convidar o senhor para voltar. Como prefeito, não posso admitir que um cidadão de nossa terra esteja proibido de retornar a ela.

ZECA DIABO – *(Lançando um olhar desconfiado a Dorotéa e Dulcinéa.)* Rabo-de-saia.

ODORICO – *(Para as mulheres, constrangido.)* Esperem na outra sala.

(Saem Dorotéa e Dulcinéa.)

ZECA – Agora sim. Seu Dotô-Coroné-Prefeito pode dizer o que quer de mim.

ODORICO – Quero nada. Quero só que volte a morar aqui, na sua terra natal. Um dos principalmente de minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana.

ZECA – Vosmincê sabe que eu saí daqui?

ODORICO – Sei. Parece que o senhor teve um desaguisado com o finado Coronel Lidário... Mas o acontecido pratasmente não conta. O que vale é o que o cidadão possa fazer prafrentemente.

ZECA – Coronel Lidário mandou surrar um irmão meu, um menor de catorze anos. O corneta tinha roubado um cavalo. Surraram ele até matar.

MESTRE AMBRÓSIO – Seu prefeito sabe disso. Sabe que você vingou seu irmão.

ZECA – Liquidei toda a raça do coronel. Ele, a mulher, três filhos e a sogra de quebra.

ODORICO – Seis cadáveres. Seis enterros. Tempos de fartura!

ZECA – Fugi pra não ser preso.

ODORICO – Mas agora pode ficar tranqüilo. Ninguém vai incomodar o senhor nem por esse nem por qualquer outro motivo... E, se incomodarem, reaja. Não é preciso exagerar, mas reaja, que é disso que precisamos: alguém com sangue nas veias.

MESTRE AMBRÓSIO – Seu prefeito é um homem justo. Sabe que você era um homem bom, se matou foi pra fazer justiça. Mas se tudo for esquecido, como seu prefeito prometeu, você vai voltar a ser o homem bom e pacato de antigamente.

ODORICO – Também não há necessidade de tanta pacatice. Homem que leva desaforo pra casa não é homem.

ZECA – E honra só se lava com sangue.

ODORICO – Isso, sangue!

ZECA – Não sou o que dizem por aí, seu doutor. Nunca fiz mal a uma donzela. Meu Padim Pade Ciço, que tá lá em cima acocadinho do lado direito de Deus Nosso Senhor, sabe que até hoje só matei em defesa da honra ou da vida.

ODORICO – Dizem que foram mais de trezentos, é verdade?

ZECA – Maledicência, seu doutor. Não chegou nem à terça-parte. E a maioria morreu porque tava no caminho da bala, não que eu quisesse, que eu nunca quis matar ninguém. Não se falando da raça do Coronel Lidário. Dessa, se eu soubesse que ainda restava algum, mesmo parente distante, pode crer que eu ia buscar nem que fosse no inferno, debaixo do penico de Satanás.

ODORICO – Será que não resta mesmo?...

ZECA – Resta não, tenho certeza.

ODORICO – Olhe aqui, Capitão Zeca Diabo, eu tive uma idéia. O senhor é um homem com tanto espírito de justiça, que eu vou lhe dar uma prova de confiança. Pra que o senhor se sinta perfeitamente tranqüilo e à vontade nesta terra, vou nomear o senhor para um alto posto da administração municipal.

ZECA – Seu doutor tá falando sério?

ODORICO – Nunca falei tão sério em minha vida! Conheço os homens, Capitão. E tenho certeza de que o senhor não vai me causar deceptude.

ZECA – Vou não. Se vosmincê me der essa oportunidade de me reabilitar, pode crer que tem um amigo pra toda a vida. E quando Zeca Diabo é amigo, é amigo mesmo.

ODORICO – Pois muito bem. De hoje em diante,

Capitão Zeca Diabo, o senhor vai ser meu delegado.

ZECA – Delegado? Delegado de polícia?

ODORICO – Com carta branca pra sacudir a marreta.

ZECA – E vou ter que me vestir de macaco?

MESTRE AMBRÓSIO – Não, homem, delegado não veste farda.

ZECA – Ah, bom, se não precisa vestir farda de macaco, vosmincê pode contar comigo.

ODORICO – Vou falar com o governador pra demitir o delegado atual, que é um inútil, não prende ninguém, e o senhor assume o posto.

MESTRE AMBRÓSIO – Também, prender quem? Esta é uma terra que não dá ladrão.

ODORICO – Dá coisa pior. (*Apanha um jornal.*) O senhor sabe ler?

ZECA – De carreirinha, não, mas soletrando, vai.

ODORICO – Pois eu quero que depois o senhor soletre esta gazeta de ponta a ponta. Neco Pedreira o senhor conhece?

ZECA – Conheço não senhor.

ODORICO – É o dono do jornal. Elemento perigoso. Sua primeira missão como delegado é dar uma batida na redação dessa gazeta subversiva e sacudir a marreta em nome da lei e da democracia. Sabe onde é a redação?

ZECA – Pode deixar por minha conta. Amanhã mesmo vou tratar do caso.

ODORICO – Se quiser, pode levar toda a Força Pública.

ZECA – Força Pública?

ODORICO – Um cabo e dois meganhas.

ZECA – Não, eu sozinho dou conta do recado.

ODORICO – (*Estende a mão a Zeca Diabo.*) Confio no senhor.

ZECA – Não vou lhe dar desgosto.

(*Saem Zeca Diabo e Mestre Ambrósio. Entram Dorotéa e Dulcinéa logo a seguir.*)

ODORICO – As senhoras ouviram?

DULCINÉA – Tudo.

DOROTÉA – O senhor perdeu a cabeça?

DULCINÉA – Fazer de um cangaceiro um delegado!

DOROTÉA – Quando a oposição souber!

DULCINÉA – Que prato para Neco Pedreira!

ODORICO – E tomara que Neco se sirva bem dele. Tomara que chame Zeca Diabo de cangaceiro, assassino, quanto mais xingar, melhor.

DOROTÉA – O senhor não acha que se excedeu?

ODORICO – Em política, Dona Dorotéa, os finalmentes justificam os não-obstantes.

SEXTO QUADRO

Prefeitura. Dias após. Odorico, na janela, olha com a ajuda de um binóculo.

DULCINÉA – É mesmo verdade?

ODORICO – Verdade o quê?

DULCINÉA – Estão dizendo que o cangaceiro invadiu a redação d’A *Trombeta*.

ODORICO – Não se refira assim ao delegado. É um homem decente, que quer impor ordem na cidade, coibir abusos.

DULCINÉA – E foi logo invadindo A *Trombeta*.

ODORICO – Não mandei Maneco botar na primeira página: “Odorico nomeia cangaceiro.” (*Pega um jornal e lê.*) “Assassino sanguinário, vergonha da espécie humana é o novo delegado de Sucupira”. Agora agüenta o repuxo.

DULCINÉA – Dizem que faz mais de três horas que ele entrou na redação e até agora não saiu.

ODORICO – É, desde de manhã.

DULCINÉA – Que está acontecendo? Por que aquela gente toda defronte a gazeta?

ODORICO – Não vejo nada. Parece que encostaram a janela que dá na rua.

DULCINÉA – Quem viu diz que o delegado parecia uma fera, com a gazeta na mão, espumando de raiva, dizendo que ia fazer Neco engolir a gazeta pedacinho a pedacinho.

ODORICO – Então é isso. Está explicado a demora. Zeca Diabo está obrigando Neco Pedreira a engolir o que escreveu. Mas isso só não resolve.

DULCINÉA – Não resolve?

ODORICO – Não, isso pode dar uma dor de barriga naquele gazetista, nada mais.

(Ouvem-se dois tiros, distantes.)

DULCINÉA – Tiros!

ODORICO – (*Assesta o binóculo.*) Agora sim, que começou o fuzê.

DULCINÉA – Começou... ou terminou?

ODORICO – Sim, é mais provável que tenha terminado. Zeca Diabo esperou Neco engolir a última letra do artigo e botou um ponto final.

DULCINÉA – Tenho medo.

ODORICO – Medo de quê

DULCINÉA – Muita gente gosta de Neco Pedreira. E morrendo assim vai virar mártir.

ODORICO – Tem importância não! Despacho Neco

Pedreira com todas as honras. Faço até discurso na beira da cova.

DULCINÉA – Talvez não dê tempo de Zeca Diabo fugir. O povo pode se enfurecer.

ODORICO – Melhor, assim teremos dois defuntos para inaugurar o cemitério. Ninguém mais vai dizer que é coisa inútil, que eu esbanjo dinheiro do povo. E a oposição perde duas vezes: perde Neco Pedreira e perde o assunto.

NECO – (*Entrando.*) Ainda não vai ser desta vez, Odorico.

ODORICO – (*Volta-se surpreso.*) Você... então...

DULCINÉA – Ele... ele matou Zeca Diabo!

ODORICO – Não é possível!

NECO – (*Ri.*) Também servia, não é, Odorico? O que você quer, afinal, é um defunto, não faz questão da qualidade.

ODORICO – Que brincadeira é essa? Veio aqui pra mangar de mim?

NECO – Vim não, pelo contrário. Vim lhe dar a honra de ser o primeiro a ler a gazeta de amanhã. Trouxe a primeira prova, saída da máquina agora, fresquinha pra você. (*Entrega o jornal a Odorico.*)

ODORICO – (*Lê.*) “A Vida de Zeca Diabo contada por ele mesmo. De cangaceiro a delegado. Exclusividade de A *Trombeta*.” Que história é essa?

NECO – Muito simples: Zeca Diabo é agora meu colaborador. Comprei os direitos da vida dele, cada dia sairá um capítulo.

ODORICO – Você não pode fazer isso.

NECO – E por que não? Sou um jornalista. E Zeca Diabo é notícia. Vai ver como vou vender jornal. Graças a você. Nunca esquecerei dessa atitude fraternal. Creio, aliás, que estou prestando um serviço a municipalidade, publicando a biografia de um dos seus filhos mais ilustres.

ODORICO – Onde está essa besta?

NECO – Você se refere ao delegado? Ficou tirando fotografias para ilustrar os próximos capítulos.

DULCINÉA – E os tiros?

NECO – É que eu pedi um retrato de trabuco na mão. E ele resolveu dar uns tiros pela janela, pro retrato ficar mais realistas. Que foi que imaginaram? Que tinha havido um assassinato? (*Ri.*) Eu e o Capitão Zeca Diabo nos entendemos muito bem.

(Entra Zeca Diabo lendo um jornal.)

NECO – É ou não é, capitão?

ZECA – O quê?

NECO – (*Pousando o braço no ombro de Zeca*

Diabo.) O prefeito não acredita que a ordem e a imprensa possam ser boas amigas.

ODORICO – O que eu não acredito é que Capitão Zeca Diabo tenha consentido nessa infâmia.

ZECA – Infâmia por quê, seu prefeito? O que o moço tá escrevendo da minha vida é pura verdade, fui eu que contei a ele. E nunca pensei que ficasse tão bonito.

NECO – Lamento não ser poeta, Capitão, sua vida é pra ser cantada em versos.

ZECA – Modéstia à parte, já foi, numa beleza de á-bê-cê.

(Declama.) Agora vou eu falar
adisculpe a pretensão
de um cabra que foi maior
bem maior que Lampião,
seu nome é Zeca Diabo,
o terror deste sertão.

ODORICO – Seu Neco, se o senhor não se ofender, eu queria ter uma prosa de pé-de-ouvido com o delegado.

NECO – Ora, à vontade, Odorico. Tenho mesmo que voltar à redação.

ZECA – Quando ficam prontos aqueles retratos?

NECO – Mais logo.

ZECA – Mais logo eu passo lá.

NECO – Passe, passe, que assim nós aproveitamos e já escrevemos o segundo capítulo. *(Volta-se da porta.)* Ah, uma informação somente, senhor prefeito, para satisfazer a curiosidade de centenas de leitores: quando será inaugurado o cemitério?

ODORICO – Tanto a imprensa sadia quanto a doentia serão informadas com antecedência.

NECO - Obrigado. *(Sai.)*

ODORICO – Capitão Zeca Diabo, não estou entendendo.

ZECA – É que o moço escreve meio floreado.

ODORICO – É isso não. O que eu não entendo é o seu procedimento. O senhor sai daqui pra sacudir a marreta nesse filho duma égua e volta abraçado com ele?

ZECA – É que não havia razão pra sacudir a marreta, seu doutor.

ODORICO – Como não havia? Não leu o que ele escreveu ontem de nós?

ZECA – Tá no seu direito.

ODORICO – Que direito?

ZECA – Direito que a lei garante. E eu, como representante da lei...

ODORICO – Que história é essa, capitão? Então o senhor é representante da lei contra mim?

ZECA – Seu doutor, como delegado eu tenho que ser justo. Fui lá mesmo com gana de fazer o moço engolir o que disse. Mas ele me fez sentar e conversar. Me mostrou a lei que garante a ele dizer o que quiser. Lei feita pelos deputados, não sei se vosmincê conhece.

ODORICO – Claro que conheço. A lei diz que cada um tem a liberdade de dizer e escrever o que quiser, mas diz também que nós temos o direito de sacudir a marreta quando alguém escrever contra nós.

ZECA – Isto não está na lei que o moço me mostrou.

ODORICO – Porque o senhor não leu tudo com atenção.

ZECA – Não li, mas fiz ele ler pra mim.

ODORICO – E além do mais, capitão, eu não estou precisando aqui de um doutor em leis. Estou precisando de um homem decidido, de pouca conversa, um homem de ação. Pela sua fama, pensei que esse homem fosse o senhor. Me disseram que o senhor tinha despachado trezentos, mas estou vendo que o senhor não é de despachar ninguém.

ZECA – Fui, seu doutor, agora tou regenerado.

ODORICO – Não podia esperar um pouco?

ZECA – Podia não. Eu não agüentava mais aquela vida, sempre fugindo dos macacos, matando pra viver, matando pra não morrer. Tava cansado, seu doutor. Ontem fui tomar a benção do Seu Vigário e prometi a ele ser um homem de bem, como já tinha prometido a meu Padim Pade Ciço.

ODORICO – Sabe o que eu acho? Que o senhor virou pamonha.

ZECA – *(Sente a ofensa)* Não fale assim comigo, seu Dotô-Coroné-Prefeito.

ODORICO – Pra que foi que eu acoitei o senhor aqui, me arriscando, arriscando meu cargo? Foi pro senhor vir dar essa de Madalena arrependida?

(Zeca se contem a custo.)

ZECA – Seu Dotô-Coroné-Prefeito não fale assim comigo que eu posso esquecer o respeito e a estima que tenho pelo senhor...

ODORICO – O senhor, capitão, não é de nada! Como matador, o senhor é a vergonha da classe!

(Zeca Diabo sente o sangue subir à cabeça, agarra Odorico pela gola do paletó.)

ZECA – Chega, seu Coroné, chega! *(Saca do revólver.)*

(Dulcinéa corre para um canto, apavorada, sem fala.)

ZECA – Eu prometi a meu Padim contar até dez antes de matar um homem... É um... é dois... é três, é quatro, é cinco... é seis, é sete... me acode aqui, meu Padim!... é oito, é nove, é dez!

(Zeca Diabo se acalma, solta Odorico, que está quase desmaiado, suando frio. Zeca ergue os olhos para o alto.)

ZECA – ‘brigado, meu Padim... ‘brigado por tê segurado meu braço e impedido de quebrá meu juramento. *(Guarda o revólver e sai.)*

(Dulcinéa corre em socorro de Odorico.)

DULCINÉA – Odorico... Você tá bem?

ODORICO – *(Procurando se refazer do susto.)* Estou...

DULCINÉA – Pensei que ele fosse matar você! O pai do meu filho!

ODORICO – Filho?!

DULCINÉA – É... Vim pra te dizer isso. Desta vez tenho certeza!

ODORICO – Mas isso é hora de dar uma notícia dessas!...

DULCINÉA – Desculpe...

ODORICO – Já não basta a decepção que acabo de ter... Dei a mão a esse homem, perdoei os crimes que ele cometeu, fiz ele meu delegado... e ele se junta com Neco Pedreira pra me desmoralizar.

DULCINÉA – Isso de Neco escrever uma novela da vida dele...

ODORICO – Isso eu não posso deixar. Nem que tenha de entrar em acordo com aquele gazetista patifento. Vamos ver o quanto ele quer pra parar com isso.

DULCINÉA – Então é preciso andar depressa, antes que ele imprima os jornais.

ODORICO – Você podia me fazer esse favor, ir à redação e pedir a esse badernista pra vir cá. Sei que ele sempre teve uma certa queda por você...

DULCINÉA – Mas eu nunca lhe dei confiança. E só vou lá por sua causa.

ODORICO – Então vá. Faça isso por mim.

DULCINÉA – Só que Dirceu está me esperando... Marquei encontro com ele aqui. Ele anda muito desconfiado...

ODORICO – De que?! Do seu estado?...

DULCINÉA – Não! Se ele souber disso, é capaz de me

matar. Ele fez voto de castidade, sabia?

ODORICO – Ele me disse. Depois a gente cuida disso.

DULCINÉA – Está bem. *(Sai.)*

ODORICO – *(Apanha o jornal que Neco deixou e lê.)* “Zeca Diabo já fez perto de trezentos defuntos. Odorico tem esperança que de que ele faça alguns para inaugurar o cemitério.” *(Amarrota o jornal, furioso, e atira-o ao chão, no momento em que entra Dirceu.)*

DIRCEU – Com licença, seu prefeito?

ODORICO – Ah, pode entrar.

DIRCEU – Minha mulher esteve aqui?

ODORICO – Mandou você esperar. Esse Neco Pedreira é um cachorro.

DIRCEU – Onde ela foi?

ODORICO – Foi atrás dele.

DIRCEU – Atrás de Neco?

ODORICO – É, na redação d’A Trombeta.

DIRCEU – Minha senhora com Neco, na redação d’A Trombeta... O senhor não está enganado?

ODORICO – Enganado por quê?

DIRCEU – O senhor não está querendo insinuar... Não, com certeza o senhor não disse com essa intenção... Eu é que ando cismado. Essas cartas anônimas...

ODORICO – Cartas anônimas?

DIRCEU – É... já recebi três.

ODORICO – Falando de Dona Dulcinéa?

DIRCEU – A princípio, eu não liguei. Sempre confiei nela. Mas agora... toda semana chega uma carta... Eu já não sei o que pensar...

ODORICO – E... essas cartas falam também... de outra pessoa?

DIRCEU – Não. E foi por isso que quando o senhor disse que ela estava atrás de Neco Pedreira... A maneira como o senhor falou...

ODORICO – *(Calculadamente, resolve reforçar a desconfiança de Dirceu.)* Bem, você me desculpe, eu falei sem pensar. Não quero mesmo me meter nessa história.

DIRCEU – Que história, seu prefeito?

ODORICO – Sei não. Da minha boca você não arranca uma palavra. Pergunte a outra pessoa qualquer. A cidade inteira sabe.

DIRCEU – A cidade inteira?!

ODORICO – É, me admira até que você... Bem, eu não disse nada.

DIRCEU – Não disse, mas vai fazer o favor de dizer.

ODORICO – Você compreende, é muito desagradável. Dona Dulcinéa é minha

correligionária... Isto, aliás, é que torna a questão ainda mais delicada. Sabe, Neco é nosso inimigo político, é uma dupla traição.

DIRCEU – Dupla traição.

ODORICO – Mas não pense que é ela a culpada. Não, é ele, ele é que a persegue. Ela bem que resistiu, a princípio, mas...

DIRCEU – Mas?

ODORICO – Eu só estou lhe dizendo isso porque já é um caso público. Mais cedo ou mais tarde você ia saber.

DIRCEU – Caso público. Por isso me mandaram esta carta anteontem. (*Tira uma carta do bolso, lê.*) “Seu pamonha, mulher só se mete em política quando tem falta de homem na cama. Veja se contenta a sua, antes que outros tratem disso.” Não tem assinatura.

ODORICO – Eu não estou dizendo? Caiu na boca do povo.

DIRCEU – E o pior não é isso... (*Tira do bolso outro envelope.*)

ODORICO – Outra carta anônima.

DIRCEU – Não... um teste de gravidez.

ODORICO – Eu imagino seu sofrimento. É duro um golpe desses, é duro. Mas você não tem que ficar assim nesse desconsolo. Tem é que reagir, como homem.

DIRCEU – O senhor disse que ela está com ele agora, na redação d’*A Trombeta*?

ODORICO – Está, tenho certeza.

DIRCEU – Vou lá.

ODORICO – Espere. Tenha calma. Eu sei que numa hora dessa não adianta dar conselhos. Se eu estivesse no seu lugar também perdia a cabeça e passava fogo nesse destruidor de lares. Mas é que a coisa talvez pudesse ser resolvida sem morte. Já sei o que o senhor vai dizer, que é uma questão de honra. E honra só se lava com sangue. Está bem. Vá e resolva. O que puder fazer depois para lhe dar fuga, pode ficar certo de que farei. (*Estende a mão a Dirceu.*) Você está armado?

DIRCEU – Estou não.

ODORICO – (*Apanha um revólver.*) Tome. Só lhe peço que devolva depois de usar, porque é uma arma de estimação.

DIRCEU – Está bem... eu... de qualquer maneira... Minha Nossa Senhora... (*Sai bruscamente, atordoado, e esbarra em Dorotéia, que entra.*)

DOROTÉA – Caçando borboletas com revólver?

ODORICO – Não, a mulher.

DOROTÉA – Dulcinéa?!

ODORICO – Andaram enchendo a cabeça do

coitado...

DOROTÉA – Contra o senhor?

ODORICO – Não, ele sabe que eu não misturo política com safadagem. Veio se aconselhar. Eu procurei botar uns panos quentes. Mas o homenzinho tá zoró. É capaz de fazer uma besteira.

DOROTÉA – Não entendo é com quem minha irmã...

ODORICO – A senhora vai ficar de queixo caído quando souber.

DOROTÉA – Quem?

ODORICO – Neco Pedreira.

DOROTÉA – Não pode ser!

ODORICO – Também acho que a suspeita é desprocedente. Mas ele diz que tem provas.

DOROTÉA – Espantoso!

ODORICO – Mas é bem feito. Homem que passa a vida caçando borboletas, a mulher acaba caçando homem.

DOROTÉA – Coronel!

ODORICO – Desculpe.

(*Ouvem-se seis tiros.*)

ODORICO – (*Contando os tiros*) Três... quatro... cinco... seis. Que exagero!

DOROTÉA – Será que foi ele?!

ODORICO – (*Corre até a janela.*) Foi ele sim. Veja quanta gente está correndo para a redação do jornal.

DOROTÉA – E lá vem ele correndo como um louco. Parece que vem pra cá!

ODORICO – Ele deve ter boa pontaria, a senhora não acha? É caçador...

DOROTÉA – Caçador de borboleta.

ODORICO – Sim, é verdade. Mas seis tiros, não é possível que tenha errado todos. Um ao menos deve ter acertado.

DIRCEU – (*Entra, correndo, transtornado, sem óculos, com o revólver.*) Me escondam! Querem me linchar!

ODORICO – Espere, conte primeiro, que aconteceu?

DIRCEU – Não sei... os óculos caíram na hora... a vista escureceu... não vi nada... mas acho que matei!

DOROTÉA – Matou quem?

ODORICO – Neco Pedreira? Aquele ativista dos maus costumes?

DIRCEU – Sei não... Me esconda! Eles querem me pegar!

ODORICO – Vá por aqui e saia pelos fundos. Pule o muro que dá pro quintal da igreja. Fale com o Vigário que fui eu que mandei. Que ele esconda você lá.

DIRCEU – E se ele não quiser?

ODORICO – Diga que você acaba de prestar um grande serviço à municipalidade. Espere, o revólver... *(Toma o revólver.)*

(Ouvem-se vozes: “Pega! Ele entrou na prefeitura! Matou a mulher!”)

DIRCEU – *(Sai correndo, volta.)* Olha, se alguma coisa me acontecer, a minha coleção de borboletas fica para a prefeitura. *(Sai correndo.)*

ODORICO – Agradeço, em nome do município.

(As vozes aumentam em quantidade e volume.)

ZECA DIABO – *(Entra.)* Entrou aqui um cabra espavorido?...

ODORICO – Por quê?

ZECA – Ele deu seis tiros numa dona.

DOROTÉA – Minha irmã!

ODORICO – Matou?

ZECA – Se matou? A dona ficou que nem paliteiro.

ODORICO – E o senhor, como delegado, que faz que não prende o assassino?

ZECA – Tou no piso dele. Diz que entrou aqui.

ODORICO – Vi não. Mas se entrou, só pode ter saído por ali, pulado o muro do quintal e se escondido na igreja.

ZECA – Deixe ele comigo. *(Sai de revólver em punho.)*

DOROTÉA – O senhor fez bem em delatar. É monstruoso o que ele fez!

ODORICO – E ela, afinal de contas, além de sua irmã era nossa companheira de lutas. *(Arruma-se para sair. Tem um ar triunfante.)* Vamos, quero ver o cadáver.

SÉTIMO QUADRO

No dia seguinte, à tarde. Vê-se uma parte do caixão que se acha exposto à visitação na sala ao lado. Vigário, Juju, Ernesto, Moleza, Dermeval, a Velha Beata, entre outros populares fazem a sentinela.

MOLEZA – Seis tiros mesmo?

DERMEVAL – Seis.

MOLEZA – Oxente, nunca pensei que Dirceu Borboleta fosse capaz de dar um tiro, quanto mais meia dúzia.

JUJU – Um rapaz tão delicado.

MOLEZA – Vivia caçando borboletas...

DERMEVAL – Deve ter endoidecido.

ERNESTO – Juju, você não devia ficar tanto tempo aqui. Pode lhe fazer mal.

JUJU – Não, quero ficar.

VELHA – *(Ergue um pouco a voz, em meio a uma oração.)* ... pelas chagas de Cristo ... *(Continua, sussurrando.)*

(Entra Neco Pedreira, vai até a beira do caixão, olha demoradamente. Ao vê-lo, Juju cutuca Ernesto. Todos se entreolham, como se a presença de Neco junto à defunta fosse algo pornográfico.)

JUJU – É muita coragem vir aqui, depois de tudo.

ERNESTO – Cala a boca.

JUJU – A cidade inteira sabe que Dirceu encontrou ela nos braços dele!

NECO – Onde está Odorico?

VIGÁRIO – Por aí, tratando dos preparativos do enterro.

NECO – Hoje é dia de festa para ele. Vai, enfim, inaugurar o seu cemitério.

VIGÁRIO – Graças ao senhor.

NECO – Isso é que dá mais raiva: eu fui uma das pedras do jogo. Justiça seja feita, Odorico é um grande jogador.

VIGÁRIO – Que está insinuando?

NECO – Fui à cadeia falar com Dirceu, mas não me deixaram. Está incomunicável. Essa aí nunca mais vai falar...

VIGÁRIO – Que é que você queria falar com Dirceu?

NECO – Odorico sabe. Pode ser que eu me engane, mas tenho um pressentimento de que ele sabe. Tanto que ele deu ordem para não deixarem.

(Entra Dorotéa. Ao passar por Neco tem um olhar

de extrema curiosidade, como se o visse pela primeira vez, e vai reunir-se ao grupo que vela a defunta.)

NECO – As mulheres devem estar me achando hoje o homem mais fascinante da cidade.

VIGÁRIO – Pelo menos não há nenhum outro que desperte idéias tão obscenas.

NECO – Por isso mesmo.

DOROTÉA – *(Junto ao caixão.)* É incrível esse homem!...

JUJU – *(Idem.)* Tio Hilário.

DOROTÉA – Mande um portador à fazenda dele. Deve estar chegando.

VELHA – *(Elevando a voz, no meio de uma oração, como uma censura.)* ... rogai por nós, pecadores ... *(Continua num sussurro.)*

(Entram Mestre Ambrósio e Zelão, descobrem-se, respeitosamente, e acercam-se do caixão.)

NECO – Há cinco anos que faço jornal e é a primeira vez que acontece alguma coisa que merece ser noticiada.

VIGÁRIO – Você vai noticiar?

NECO – Não noticiar é uma confissão de culpa.

MESTRE AMBRÓSIO – *(Junto ao caixão.)* Tenho sessenta anos, com a graça de Deus, e posso garantir que aqui nunca houve coisa igual. A não ser quando Zeca Diabo liquidou com a raça do Coronel Lidário. Assim mesmo deu só um tiro em cada um.

ZELÃO – *(Idem.)* Isso é crime de cidade grande.

MOLEZA – *(Idem.)* Prova de que nós tamos crescendo. Tamos virando metrópole.

(Ouve-se a banda de música ensaiando a Marcha Fúnebre de Chopin.)

MOLEZA – A banda já tá aí.

NECO – A banda e toda a população da cidade. Até o comércio fechou. Odorico decretou feriado municipal. E se fosse verdade o que dizem por aí, seria o único feriado no mundo que comemora um adultério. *(Sai.)*

(Dermeval e Mestre Ambrósio se afastam do caixão.)

MESTRE AMBRÓSIO – Veio prevenido, meu camarada?

DERMEVAL – Ora... *(Passa a Mestre Ambrósio uma*

pequena garrafa. Mestre Ambrósio, disfarçadamente, toma um trago.)

(Entra Odorico. Veste um terno preto bastante apropriado à ocasião.)

ODORICO – É incrível essa banda, há quase dois anos que ensaia a *Marcha fúnebre* e ainda desafina.

MOLEZA – *(Vem ao encontro de Odorico.)* Seu prefeito...

ODORICO – Que é que você está fazendo aqui, seu Moleza? O enterro está pra sair, seu lugar é no cemitério.

MOLEZA – Vim só fazer um pouco de sentinela.

ODORICO – Vá fazer uma sentinela junto da cova. Vá ver se está tudo em ordem. A semana passada passei por lá e vi um jegue pastando.

MOLEZA – Era o jegue do Melchior. Ele pediu, não sabe?

ODORICO – Nem Melchior, nem meio Melchior. Aquilo é um cemitério, um campo-santo.

MOLEZA – É que até agora estava sem serventia.

ODORICO – Sem serventia! Me admira o senhor, o coveiro, dizer uma coisa dessas. E justamente quando vai ficar provado que o cemitério era a obra mais urgente desta cidade.

DOROTÉA – Apesar das más línguas da oposição dizerem o contrário.

ODORICO – Quero ver agora, se não tivéssemos o cemitério, toda essa gente pernear seis léguas atrás do caixão.

MOLEZA – Lá isso é verdade, ia ser uma dureza.

DOROTÉA - Certas pessoas deviam ser obrigadas a isso, como castigo pelos danos morais que causaram à nossa cidade.

ODORICO – Ande, vá para o seu posto. E fique de olho, que a oposição é capaz de sabotar o enterro.

MOLEZA – Tenha cuidado não, que pelo meu lado vai correr tudo bem, seu prefeito. Só quando eu penso em jogar aquele monte de terra em cima da pobrezinha me dá um frio na barriga.

DOROTÉA – Oxente!

MOLEZA – Acho que é falta de costume.

ODORICO – Claro. Mais alguns defuntos e o frio passa. Vá, vá para o seu posto.

MOLEZA – Já tou indo. *(Sai.)*

ODORICO – E a senhora, providenciou tudo?

DOROTÉA – Tudo que me competia. Os meus alunos já estão aí fora, vão acompanhar o enterro. Tive de ir à casa de um por um, porque há um mês a escola está fechada por falta de verba, como o senhor sabe.

ODORICO – *(Alegre.)* Sei, sei. Mas agora, tudo vai mudar. Vamos esquecer os anteontem e pensar nos depois-de-amanhã. Com a inauguração do cemitério, a oposição sofreu uma derrota tremenda. Amanhã eu volto a ter maioria na Câmara dos Vereadores. O povo que está envenenado por Neco Pedreiro e outros volta a me apoiar. Basta olhar pela janela: a rua está repleta, não ficou uma só pessoa em casa. A inauguração do cemitério vai ser uma apoteose.

DOROTÉA – Quanto a isso, não há dúvida. A inauguração do cemitério é uma grande vitória, ainda que tenha custado a vida a um dos nossos.

ODORICO – As obras que vendem o tempo são sempre construídas com lágrimas e sangue... Assim começa o meu discurso. *(Apalpa o bolso.)* O discurso, onde está o discurso? Será que perdi? Levei a noite inteira escrevendo. *(Encontra o manuscrito.)* Ah, está aqui; Vai ser uma bomba.

(Entra Zeca Diabo.)

ODORICO – Tudo em ordem, delegado?

ZECA – Tudo, seu doutor. O cabra tá trancafiado, com dois macacos de tocaia.

ODORICO – Deu ordem pra não deixar ninguém falar com o preso?

ZECA – Dei. Só que o cabo, não sabe, pediu pra acompanhar o enterro.

ODORICO – O senhor deixou?

ZECA – Deixei. Ele alegou que nesta cidade quase não tem diversão.

ODORICO – Está bem. A Força Pública precisa mesmo estar representada.

(O Coronel Hilário Cajazeira entra. É um velho fazendeiro, já de idade avançada, mas ainda rijo, como bom sertanejo. Ao verem-no, Dorotéa e Judicéa vão ao seu encontro.)

JUJU – É tio Hilário, Dô!

DOROTÉA – Estava com medo que não chegasse pro enterro.

(Elas abraçam o Coronel, emocionadas.)

HILÁRIO – Como foi isso?...

DOROTÉA – Uma desgraça, tio Hilário, uma desgraça.

(Odorico vai ao encontro do Coronel Cajazeira.)

ODORICO – Coronel Cajazeira.... meus pêsames... sinto tanto quanto o senhor...

HILÁRIO – Quando recebi a notícia da tragédia, me lembrei de uma carta que meu finado irmão deixou pra mim... Não sei se vocês estão lembradas dessa carta...

DOROTÉA – Não me lembro...

HILÁRIO – A carta contém as derradeiras vontades do pai de vocês... *(Ele tira uma carta do bolso.)* ...Eu queria que vocês lessem... O prefeito dá licença... uma reunião de família...

ODORICO – Pois não...

DOROTÉA – Vamos pra outra sala...

(Dorotéa, Juju e o Coronel Cajazeira saem. Odorico consulta o relógio.)

ODORICO – Isso é hora de fazer reunião de família? Em cima da hora do enterro.

VIGÁRIO – É, já devíamos estar saindo...

ODORICO – Acho que enquanto eles conversam, a gente já podia partir pros finalmentes, não, seu Vigário?

VIGÁRIO – O senhor é quem manda.

ODORICO – Ajudem aqui...

(Mestre Ambrósio e Dermeval ajudam Odorico a colocar a tampa no caixão e fechá-lo. Neco Pedreira entra com uma máquina fotográfica.)

ODORICO – A primeira alça é minha, faço questão.

(Odorico empurra Ernesto e pega na primeira alça.)

ODORICO – Capitão Zeca Diabo, pega na outra.

ZECA – Eu também?

ODORICO – Claro, o senhor é autoridade.

NECO – Posso bater uma chapa?

ODORICO – Excelente idéia. Este é um momento histórico. *(Faz pose, sorridente.)*

VIGÁRIO – Não acha que não fica bem sorrir? Afinal de contas, é um enterro.

ODORICO – É, de fato, não fica bem. *(Posa, triste, compungido.)*

(A banda ataca a Marcha Fúnebre.)

NECO – Atenção. *(Bate a chapa.)*

ODORICO – Vamos. Desta vez, vamos.

(Entram Dorotéa, Juju e o Coronel Cajazeira.)

HILÁRIO – Esperem! Um momento!

ODORICO – Estamos esperando vocês...

HILÁRIO – Esse enterro não pode ser realizado.

ODORICO – Como é?! O senhor tá querendo fazer humor preto numa hora dessas?!

HILÁRIO – O corpo tem que seguir pro mausoléu da família, no Cemitério de Jaguatirica, conforme a vontade do meu finado irmão, pai da falecida.

DOROTÉA – Mostre a carta ao Coronel Odorico, tio Hilário.

(Hilário mostra a carta a Odorico.)

HILÁRIO – Foi uma carta que ele ditou e assinou, pouco antes de entregar a alma ao Criador. Leia este pedaço.

ODORICO – *(Lê)* ...desejo ser enterrado com minha mulher no mausoléu da família, em Jaguatirica. Desejo também que minhas três filhas, quando o Senhor as chamar, sejam sepultadas no mesmo lugar, a fim de que de novo possamos estar reunidos na vida eterna.

JUJU – O senhor entende?...

DOROTÉA – Era vontade dele...

(Odorico reage violentamente.)

ODORICO – Uma ova! Vai ser enterrada aqui e agora!

(Odorico atira a carta em cima de Hilário e pega na alça do caixão.)

ODORICO – Essa, não! Essa eu enterro de qualquer jeito!

HILÁRIO – De qualquer jeito, não! Você não é o dono da defunta! Você não é nem parente!

VIGÁRIO – Coronel, esse é um assunto que cabe aos parentes mais próximos da falecida decidirem. As irmãs.

(Odorico olha patético, para Dorotéa e Judicéa.)

ODORICO – Dona Dorotéa, Dona Judicéa... as senhoras não vão fazer isso comigo!

(Juju abaixa os olhos.)

DOROTÉA – Sinto muito, Coronel...

JUJU – Nosso pai quis assim...

(Odorico, num desespero crescente, vai se distanciando da realidade.)

ODORICO – Eu nunca podia esperar isso de vocês! Uma traição! Mas não pensem que me entrego facilmente. Vou para as ruas, vou fazer comícios, vou lutar de armas na mão, mas esse defunto ninguém me tira!

(Desatinando, Odorico vai até a janela e fala ao povo.)

ODORICO – Meus convidados! Querem roubar à nossa terra o direito de enterrar seus próprios mortos! Mas eu, Odorico Paraguaçu, filho de Eleutério e neto de Firmino Paraguaçu, não permitirei que o corpo desta infeliz concidadã saia desta casa senão pra fertilizar com suas virtudes a terra morna e cheirosa que a viu nascer!

(Ouvem-se vozes fora: “Viva o Coronel Odorico!... Viva!... Muito bem!”)

ODORICO – É o Direito, é a Liberdade, é a Civilização cristã que estão em jogo! Ou enterramos Dona Dulcinéa, ou nos enterramos!

OITAVO QUADRO

No dia seguinte. Amanhece. Odorico cochila numa cadeira. O defunto continua no mesmo lugar, velado pela Velha Beata e Moleza, que dorme a sono solto. Moleza acorda, dirige-se à janela, e, ao passar por Odorico, este desperta, sobressaltado.

ODORICO – Quem foi? O caixão?!...

MOLEZA – Tá no mesmo lugar.

ODORICO – Já amanheceu...

MOLEZA – *(Olhando pela janela.)* A redação d'A Trombeta esteve de luz acesa a noite toda... Neco anda trabalhando muito.

ODORICO – A noite toda, é?...

MOLEZA – É...

ODORICO – Cadê as irmãs Cajazeira? Dona Dorotéa, Dona Juju?...

MOLEZA – Foram embora há muito tempo.

ODORICO – Mas o povo... *(Chega até a janela, olha.)* Muita gente passou a noite lá fora, solidária comigo. Afinal, isto é como uma guerra. Precisamos resistir todos juntos.

(Entra o Vigário.)

ODORICO – Falou com eles?

VIGÁRIO – Passei a noite tentando convencê-los.

ODORICO – Conseguiu?

VIGÁRIO – Nada. Fincaram pé. Vão levar o cadáver pra Jaguatirica mesmo.

ODORICO – Só se levarem o meu também.

VIGÁRIO – Infelizmente, eles têm meios de nos obrigar a ceder.

ODORICO – Que meios?

VIGÁRIO – Os Cajazeira requereram ao juiz autorização para levar o corpo.

ODORICO – O juiz é um homem de bem, justo, honesto, honrado, cristão, não vai dar...

VIGÁRIO – Já deu.

ODORICO – Juiz patifento. Safado! Sempre desconfiei desse juiz.

VIGÁRIO – Há outra coisa também contra nós...

ODORICO – Todas as coisas estão contra nós. Tudo está contra nós!

VIGÁRIO – Temo que o defunto também fique.

ODORICO – Como?

VIGÁRIO – Fedendo. Com esse calor, daqui a pouco vai começar a exalar mau cheiro.

MOLEZA – Aliás já está.

VIGÁRIO – Ninguém vai agüentar.

ODORICO – Temos então de embalsamar o corpo.

VIGÁRIO – Aqui não há ninguém que faça isso.

ODORICO – Mas poderia-se arranjar um pouco de perfume... para quando começasse a feder muito.

VIGÁRIO – Isso não vai impedir a decomposição do corpo.

ODORICO – Mas que diabo, o senhor só inventa dificuldades!

VIGÁRIO – Eu não invento nada, são leis dos homens e leis da natureza.

ODORICO – Será possível que todas as leis tenham se voltado contra mim, que sou o prefeito?

(Zeca Diabo entra seguido de Dorotéa, Juju e Hilário.)

ZECA – Seu prefeito?

ODORICO – Que é que há? Vocês...

ZECA – Trago aqui uma ordem. *(Mostra um papel.)*

ODORICO – De quem?

ZECA – Do juiz.

VIGÁRIO – Não disse?

ODORICO – O senhor recebe ordens minhas, não do juiz.

ZECA – É não.

ODORICO – Não?

ZECA – Fui falar com o juiz e ele me explicou: esta ordem anula a sua. É lei.

HILÁRIO – Leia pra ele ouvir.

ZECA – *(Começa a ler com dificuldade.)* Ex... ce... lentíssimo se... nhor...

VIGÁRIO – Quer que eu leia?

ZECA – É melhor... leitura não é o meu forte...

VIGÁRIO – *(Toma o papel e lê)* ...considerando que o marido da falecida está preso; considerando que as senhoritas Dorotéa e Judicéa Cajazeiras são as parentes mais próximas da defunta em condições em opinar; considerando...

ODORICO – Seu Vigário, vamos botar de lado os considerandos e partir pros finais. Quem o Meritíssimo acha que está com a razão?

VIGÁRIO – Eles.

ODORICO – Pois se é essa a decisão da Justiça, data vênha, digam ao meritíssimo juiz que não aceito.

JUJU – Mas é o Juiz!

HILÁRIO – Você não pode se recusar a cumprir uma decisão da Justiça!

ODORICO – Também tenho jurisprudência firmada sobre o assunto. O defunto é meu e ninguém me tira!

HILÁRIO – Delegado, a Polícia tem que garantir o

cumprimento da ordem judicial.

ZECA – Pode deixar.

ODORICO – Quem vai garantir?

ZECA – Eu mesmo.

ODORICO – E quem é você?

ZECA – O delegado, oxente!

ODORICO – (*Apanha um papel sobre a mesa.*) Está demitido.

(*Espera uma reação violenta de Zeca Diabo.*)

ZECA – (*Muito chocado, sua reação é infantil, como menino que foi expulso do brinquedo.*) Demitido... mas eu não fiz nada... eu só queria cumprir a lei... meu Padim Pade Ciço é testemunha... Vosmincê não está satisfeito comigo?

ODORICO – Com você, muito; não estou satisfeito é com a lei.

ZECA – E agora o que é que eu vou fazer?

ODORICO – Acho bom sair da cidade, se não quer ser preso.

ZECA – Preso? Mas vosmincê deu a sua palavra...

ODORICO – Minha palavra não vale nada, o que vale é a lei. E você agora está fora da lei.

ZECA – (*Extremamente confuso e aborrecido.*) A lei... fora da lei... Seu Doutor Prefeito não podia fazer isso comigo... não podia... (*Sai.*)

HILÁRIO – Isso é um absurdo! Vou falar com o juiz!

DOROTÉA – O senhor vai e nós ficamos velando o corpo. (*Hilário sai. Dorotéa e Juju vão para junto do caixão.*)

VIGÁRIO – O senhor fez bem em demiti-lo; o passado desse homem não o recomendava para o posto.

ODORICO – Há dois dias que estou com a demissão dele na gaveta.

VIGÁRIO – E a ordem do juiz?

ODORICO – Que tem?

VIGÁRIO – O senhor mediu bem as conseqüências de seu gesto?

ODORICO – Padre, eu levei quase dois anos para arranjar um defunto, dois anos a oposição malhando nas minhas costas. e agora que o defunto está aqui, preparado, prontinho para ser despachado, o senhor acha que vou entregá-lo assim de mão beijada? Nunca. Pode o juiz mandar trinta ordens. Daqui o defunto só sai comigo.

VIGÁRIO – O juiz pode requisitar força estadual para fazer cumprir a ordem.

ODORICO – Que mande, que mande um batalhão. Melhor até, porque isso vai ferir os brios da

população. E aí, com o povo do meu lado, eu vou enterrar o defunto na marra.

VIGÁRIO – Bem, eu fiz o que pude para solucionar a questão pacificamente. Já que há intransigência de parte a parte, eu me retiro para a minha igreja. Aguardarei lá a solução.

ODORICO – Julguei que o senhor estava comigo.

VIGÁRIO – Eu continuo, intimamente, com o senhor. Para efeitos exteriores, porém, acho melhor aparentar uma certa neutralidade. Compreende, quando dois poderes se digladiam, o Executivo e o Judiciário, é prudente que a Igreja não tome partido.

ODORICO – Muito sábia a sua posição.

VIGÁRIO – Obrigado. Com licença. (*Sai.*)

ODORICO – Claro, assim, vença quem vencer, ele está sempre por cima.

NECO – (*Entrando.*) Odorico, preciso falar com você.

ODORICO – Pode falar.

(*Dorotéa e Juju ficam atentas ao diálogo entre Neco e Odorico.*)

NECO – Estive na cadeia, Odorico.

ODORICO – Devia ter ficado lá, é um bom lugar pra você.

NECO – Talvez você não responda com tanto espírito quando souber que eu entrevistei Dirceu Borboleta.

ODORICO – Subornou os soldados, com certeza.

NECO – Foi preciso não. Mas ainda que fosse, meu crime era bem menor que o seu.

ODORICO – Que foi que aquele borboletista lhe disse?

NECO – Tudo. Tudo como se passou. Você vai ler na minha gazeta.

(*Neco mostra um exemplar do jornal.*)

ODORICO – (*Arrebata o jornal das mãos de Neco.*) Isso é uma gazeta que se lava e enxágua no calunismo. Que foi que você escreveu aí?

NECO – A mais pura verdade. Que foi você que mandou Dona Dulcinéa à redação do jornal; foi você quem inventou que ela era minha amante; foi você quem emprestou o revólver, foi você quem delatou Dirceu, depois de ter mandado ele se esconder na igreja.

(*Dorotéa, Moleza e Juju ouvem tudo, perplexos.*)

ODORICO – Não acreditem; tudo isso é mentira.

(Amarrota o jornal e atira-o ao chão.) Essa imprensa marronzista...

(Juju apanha o jornal e põe-se a ler com Dorotéa. Ernesto entra e reúne-se a elas.)

ODORICO – Dirceu Borboleta está meio gira. O que ele fez já é uma prova de desmiolamento. Matar a mulher, que era uma santa, com seis tiros, só um louco faz isso. Além do mais, vocês sabem, ele tinha a mania de caçar borboletas. Era um borboletista juramentado. passava o dia todo com aquela rede, pelos matos, borboletando, nem ligava pra mulher. De repente... vocês não acham que tudo isso são sintomas de loucura? Vou chamar um especialista da capital e vocês vão ver.

DOROTÉA – Especialista pra quem? Você ou Dirceu?
NECO – Vamos ver quem o especialista vai achar mais louco: o caçador de borboletas ou o caçador de defuntos. *(Inicia a saída.)*

ODORICO – Vou mandar apreender toda a edição desse pasquim!

(Ouve-se um jornaleiro, fora, apregoando: “A Trombeta! Vai ler A Trombeta!”)

NECO – *(Detêm-se na porta, sorri.)* Agora, é tarde... *(Sai.)*

DOROTÉA – Nem consigo acreditar!

JUJU – É monstruoso!

(Zelão e Mestre Ambrósio entram, lendo o jornal; têm para Odorico um olhar de acusação e espanto.)

ODORICO – Por que me olham assim? Não era ela o defunto que eu queria, era Neco Pedreira!

JUJU – Tudo mentira! Não havia nada entre eles!

ERNESTO – E ainda delatou Dirceu!

JUJU – *(Com horror.)* E era padrinho deles, de casamento!

DOROTÉA – Como pode um homem só enganar tantos, durante tanto tempo!

MOLEZA – Coitadinha! Que judiação!

(Juju e Ernesto iniciam a saída, horrorizados.)

ODORICO – Aonde vocês vão? Esperem! O enterro vai sair. Tudo será explicado depois. É preciso que vocês confiem em mim. Tudo será explicado. O importante é fazer o enterro, inaugurar o cemitério.

ERNESTO – Nos preferimos esperar lá fora. *(Sai com*

Juju.)

ODORICO – *(Volta-se para Dorotéa.)* Será possível que ninguém mais confie em mim! Até as pessoas que...

(Dermeval e Moleza aproveitam a fala de Odorico para sair. Odorico pressente, volta-se e não mais os vê.)

ODORICO – Todos... todos! *(Vai até a janela. Ouve-se o jornaleiro: “Vai ler A Trombeta! Odorico matou Dulcinéa para inaugurar o cemitério! Vai ler A Trombeta!”)* Todos... *(Grita para a rua.)* Não leiam essa gazeta demagogista! Não leiam! Tudo isso é mentira! Caluniamento! *(Desamparado.)* Parece que agora estão todos contra mim! Todos fogem de mim!

(Zelão, Ambrósio e a Velha saem sorrateiramente.)

DOROTÉA – Eu ainda estou aqui.

ODORICO – Desculpe... com você eu sei que posso contar até o fim. *(Segura-a pelo braço, num gesto fraternal.)* Sempre soube, Dorotéa. *(Num impulso repentino, aperta-a de encontro no peito.)* Você sempre me compreendeu.

DOROTÉA – *(Afasta-o, lentamente, com leve repulsa.)* Acho que não. E não acredito que você consiga sair dessa enrascada.

ODORICO – Você não acredita que eu ainda possa me recuperar?

DOROTÉA – Acredito não. Com essa, você está liquidado.

ODORICO – É... era preciso que alguma coisa acontecesse...

DOROTÉA – O quê?

ODORICO – Sei não... alguma coisa que colocasse o povo do meu lado novamente.

DOROTÉA – Por exemplo?

ODORICO – Por exemplo... um atentado.

DOROTÉA – Contra quem?

ODORICO – Contra mim.

DOROTÉA – É, podia ser que desse resultado. Principalmente se você morresse.

ODORICO – Oxente, espera lá! Morrendo, não adiantava nada.

DOROTÉA – E creio é que a gente ia saber que eles não iam lhe matar?

ODORICO – Eles quem?

DOROTÉA – Quem praticasse o atentado.

ODORICO – Mas nós é que vamos praticar o

atentado. Nós mesmos. E depois vamos dizer que foi a oposição. Assim, eu passo de réu a vítima.

(Entra Zeca Diabo. Pára na porta, olhos cravados em Odorico.)

ODORICO – Está aí o homem de que eu preciso! Capitão Zeca Diabo! Dou minha palavra que o senhor vai ter um fim de vida tranqüilo, como deseja, com a minha proteção e a minha ajuda. Lhe dou até uma fazendinha pro senhor criar suas galinhas.

ZECA – E pra quê, seu Dotô-Coroné-Prefeito?

ODORICO – Pro senhor me ajudar. Estão querendo acabar comigo, Capitão. Esses badernistas conseguiram botar o povo contra mim. E é preciso que aconteça alguma coisa que vire o jogo, o senhor está entendendo? Um atentado, por exemplo. Um atentado covarde, brutal, que revoltasse todo mundo! Um atentado simulado, é claro... E quem melhor pra isso que Zeca Diabo? Vamos imaginar que o senhor entrasse aqui agora, de trabuco em punho, mandando bala pra tudo quanto é lado. Eu finjo que me defendo, faço uma laúza pra tudo quanto é lado, o senhor foge no seu cavalo e a gente bota a culpa na oposição quer contratou o senhor pra fazer isso!

ZECA – Quando vai ser isso?

ODORICO – Agora! Agora mesmo... Dona Dorotéa, telefone pros jornais de Salvador, exagere, diga que morri, que estou crivado de balas... e acuse logo a Oposição! Vamos virar umas cadeiras, quebrar umas coisas... pra dar uma aparência de luta...

(Odorico fala e vai virando as cadeiras, espalhando papéis pelo chão. Zeca Diabo continua imóvel, impassível olhar duro cravado nele.)

ZECA – Era bom vosmincê pegar também o revólver...

ODORICO – Ah sim... Eu também tenho que dar uns tiros... pra fingi que resisti.

(Odorico abre a gaveta da escrivaninha e apanha o revólver.)

ODORICO – Bem, agora o senhor dá uns tiros pra cima e sai correndo.

(Zeca Diabo puxa o revólver, lento.)

ZECA – Seu Dotô-Coroné-Prefeito, eu mandei vosmincê pegar no revólver não foi pra dar tiro pra

cima, foi pra se defender, porque eu vou lhe matar.

(Odorico sente que ele está falando sério. Apavora-se.)

ODORICO – Oxente... que brincadeira é essa?!

ZECA – Não é brincadeira não, seu Dotô-Coroné-Prefeito. Traidor não merece viver, tanto mais traidor de moça donzela. Se tem bala nesse revólver, atire em mim, que mim, que meu Padim Pade Cicho é testemunha que eu nunca matei ninguém que antes não quisesse me matar. Afora a raça do Coronel Lidário que isso não conta. Vamos, atire!

(Odorico sua frio.)

ODORICO – Não vou fazer isso contra o senhor... não tenho nada contra o senhor...

ZECA – Mas eu tenho contra vosmincê. Vou contar até três. Ou vosmincê atira, ou morre assim mesmo.

ODORICO – E o seu juramento?

ZECA – É um...

ODORICO – O senhor jurou não matar mais ninguém!

ZECA – É dois...

ODORICO – Padre Cícero vai lhe castigar!

ZECA – É três!

(Apagam-se os refletores. Ouvem-se vários tiros, dos dois revólveres. A seguir, durante a mutação, a Marcha Fúnebre de Chopin, executada pela lira de Sucupira.)

NONO QUADRO

Na boca de cena, o portão do cemitério, encimado pela inscrição: “Revertere ad locum tuum.” De costas para o público, cercando o túmulo oculto pelas coroas, o Vigário, Dorotéa, Judicéa, Ernesto, Hilário Cajazeira, Dermeval, Mestre Ambrósio, Zelão, a Velha Beata e populares. De frente para a platéia, em plano mais elevado, Neco Pedreira. A seu lado, Moleza com a sua pá de coveiro. Neco discursa.

NECO – Odorico Paraguaçu, aqui estamos para o último adeus a ti que foste um exemplo para todos nós. Exemplo de probidade e caráter, de perseverança e lealdade, de justiça e amor ao próximo.

(Uma garrafa de cachaça corre de mão em mão, disfarçadamente. Dermeval, Zelão, Ambrósio, cada um toma um gole, sob o olhar de reprovação de Dorotéa e Juju.)

DOROTÉA - Devia haver mais respeito apesar de tudo.

JUJU – Afinal, ele era uma autoridade.

NECO – Só tu, Odorico, mais ninguém, podias merecer a subida honra de inaugurar este campo-santo, que foi a grande obra do seu governo, o grande sonho de sua vida, afinal realizado! Adeus, Odorico, o Grande, o Pacificador, o Desbravador, o Honesto, o Bravo, o Leal, o Magnífico, o Bem-Amado...

FIM